

EMILLY CICOLIN FREIRIA DA SILVA

ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS: CONTRIBUIÇÕES
PEDAGÓGICAS DO TRABALHO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

MARINGÁ

2023

EMILLY CICOLIN FREIRIA DA SILVA

ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS: CONTRIBUIÇÕES
PEDAGÓGICAS DO TRABALHO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “*Trabalho de Conclusão de Curso*”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli
(Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Analice Czyzewski
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Giselma Cecília Serconek
Universidade Estadual de Maringá

Traça a reta e a curva, a quebrada e a sinuosa.
Tudo é preciso. De tudo viverás.
Cuida com exatidão da perpendicular e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor. Sem esquadro,
Sem nível, sem fio de prumo, traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.
Construirás os labirintos impermanentes que sucessivamente habitarás.
Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo.
Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.
Somos sempre um pouco menos do que pensávamos
Raramente, um pouco mais.
(Cecília *Meireles*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita bondade, misericórdia e amor pela minha vida, por ter me guiado, me dado forças para chegar até aqui e alcançar essa vitória. Meu fiel Amigo, Salvador e Guia, a Ele toda honra e glória, sempre.

Agradeço a minha família sempre, por ser meu exemplo, minha rocha, me incentivarem e sempre acreditarem em mim, me apoiarem e fazerem de tudo por mim, para que hoje eu pudesse estar aqui.

Agradeço às minhas amigas, parceiras diárias, Laryssa e Leticia, pelas companhias para rir, chorar, lanchar (o que fizemos muito), por todos os momentos nesses quase 5 anos que vocês me proporcionaram. Vocês foram essenciais em todo percurso.

Agradeço também aos professores, pelas trocas de vivências, pelos conhecimentos e a dedicação para oferecer uma formação de qualidade. À professora Aline, pela orientação neste trabalho, pela dedicação e por todas as contribuições no meu processo de formação.

Em especial, agradeço ao meu irmão Bruno (in memorian), minha saudade diária, tenho certeza que estaria mais do que feliz de estar aqui comemorando essa conquista. Você está sempre comigo, no coração.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar quais aspectos do trabalho pedagógico na educação infantil podem contribuir para o processo de adaptação escolar de crianças de 0 a 3 anos. Para isso, tem-se como objetivos específicos definir o conceito de adaptação escolar na educação infantil e identificar os princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, em processo de adaptação escolar com base nos resultados de estudos encontrados na literatura acadêmica e, então, analisar as relações entre o trabalho pedagógico e a adaptação escolar na educação infantil, a partir das contribuições de Arce e Martins (2022, 2022). Isso, por meio de uma pesquisa bibliográfica, analisando artigos produzidos no período de 2012 a 2022, selecionados na base de dados do Google Acadêmico, utilizando como referencial teórico as obras organizadas por Arce e Martins (2022, 2022) e de outras autoras como Saito (2018, 2021, 2022), Pasqualini e Lazaretti (2019, 2021), pois avaliam criticamente o trabalho pedagógico na educação infantil. Como resultado das análises, foi possível identificar alguns discursos sobre a adaptação escolar voltados para diagnósticos de dificuldades encontradas neste processo, enquanto outros, abordaram alguns princípios pedagógicos baseados na BNCC de forma superficial e sem finalidades específicas. Verificou-se que a adaptação escolar em creche tem sido abordada em pesquisas, mas sem relação direta com o trabalho pedagógico desenvolvido. Deste modo, conclui-se pela necessidade de refletir, através do percurso histórico da educação infantil, sobre a função que lhe foi atribuída de assistencialismo, além da escassez de conteúdo científico para estruturar os processos de adaptação, permitindo uma visão crítica do sujeito que se deseja formar e que por meio dessas práticas dentro da creche, acabam por concretizar uma visão fragmentada do conhecimento e do desenvolvimento humano, conseqüentemente, uma ausência dos princípios do trabalho pedagógico docente em sala de aula.

Palavras-chave: Adaptação escolar; Educação infantil; Creche; Trabalho Pedagógico; Crianças de 0 a 3 anos.

ABSTRACT

The general objective of this paper is to analyze which aspects of pedagogical work in early childhood education may contribute to the process of school adjustment of children from 0 to 3 years old. For this, it has as specific objectives to define the concept of school adaptation in early childhood education and identify the principles of pedagogical work in early childhood education, in the process of school adaptation based on the results of studies found in the academic literature and, then, to analyze the relationships between pedagogical work and school adaptation in early childhood education, based on the contributions of Arce and Martins (2022, 2022). Thus, through a bibliographic research, analyzing articles produced in the period from 2012 to 2022, selected in the Google Academic database, using as theoretical reference the works organized by Arce and Martins (2022, 2022) and of other authors such as Saito (2018, 2021, 2022), Pasqualini and Lazaretti (2019, 2021), as they critically evaluate the pedagogical work in early childhood education. As a result of the analyses, it was possible to identify some discourses on school adaptation focused on diagnoses of difficulties found in this process, while others addressed some pedagogical principles based on the BNCC in a superficial way and without specific purposes. It was verified that school adaptation in daycare has been addressed in research, but without direct relation to the pedagogical work developed. Thus, it is concluded that it is necessary to reflect, through the historical path of early childhood education, on the function attributed to it as assistentialism, in addition to the scarcity of scientific content to structure the adaptation processes, allowing a critical view of the subject one wishes to form, and that through these practices within the daycare center, they end up concretizing a fragmented view of knowledge and human development, consequently, an absence of the principles of teaching pedagogical work in the classroom.

Keywords: School adaptation; Early childhood education; Daycare; Pedagogical work; Children from 0 to 3 years old.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ALGUNS EIXOS.....	14
2.1 EIXO DO MOVIMENTO.....	20
2.2 EIXO DA ROTINA.....	21
2.3 EIXO DA INTERAÇÃO E AFETIVIDADE.....	22
2.4 ADAPTAÇÃO ESCOLAR.....	23
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	25
3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	26
3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	27
4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO PEDAGÓGICO E A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
4.1 ADAPTAÇÃO ESCOLAR SEGUNDO OS ARTIGOS SELECIONADOS.....	30
4.2 OS PRINCÍPIOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA ADAPTAÇÃO ESCOLAR COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS.....	34
4.3 RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO PEDAGÓGICO E A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da adaptação escolar na educação infantil, em específico com crianças de 0 a 3 anos, com um olhar crítico e de resgate pedagógico deste período imprescindível nas instituições escolares, portanto, devemos considerar que a adaptação ocorre sempre que enfrentamos uma situação nova e o processo se desencadeia, em que se inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurgue a cada nova situação que vivenciamos.

Para Novaes (1975), ao considerarmos o termo biológico da palavra adaptação, há referência às mudanças morfológicas e fisiológicas dos seres vivos em suas relações com o ambiente em que vivem, já para as ciências sociais e humanas, o significado da adaptação se relaciona à conservação e eternidade dos seres humanos. Sendo assim, a entrada da criança na escola se caracteriza como o primeiro contato com o ambiente escolar, com professores e colegas, a marcação da passagem do ambiente familiar de casa, para um novo e estranho ambiente, com pessoas diferentes que serão suas companheiras diárias durante o ano letivo, que vem acompanhada inerentemente de sua adaptação ao ambiente e todos os aspectos que significam o local “escola”.

A educação infantil, após um caminho longo, por meio do artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96, passa a integrar a primeira etapa da educação básica, sendo oferecida em creches (crianças de até três anos de idade) e pré-escolas (4 anos a 5 anos de idade), sendo a pré-escola obrigatória para todas as crianças, enquanto as creches não entram na obrigatoriedade por lei, entretanto, por meio da LDB, que a educação infantil passa a garantir sua importância e espaço nas discussões na área da educação. Rosenberg (2002 apud PASQUALINI; LAZARETTI, 2021) define que a compreensão da educação infantil como direito da criança e da mulher se concretizou na Constituição de 1988 que, como se sabe, foi fruto de intensos processos de mobilização social. Nela se apresenta pela primeira vez a educação infantil como uma extensão do direito universal à educação para as crianças menores de 6 anos, bem como um direito de homens e mulheres trabalhadores a terem seus filhos cuidados e educados em creches e pré-escolas. Nesse sentido, o atendimento pré-escolar é também

concebido como instrumento para igualdade de oportunidades de gênero, ao apoiar trabalho feminino extra doméstico.

A etapa da educação infantil que iremos focar é a creche (até 3 anos), porquanto, acordo com as últimas pesquisas divulgadas em 2019, as estatísticas em relação ao atendimento em creche apontam uma frequência de 35,6% de alunos, que sofreu uma redução de matrícula e atendimento de 2019 a 2021 nessa etapa (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2021). Portanto, atende a uma grande parcela da sociedade brasileira, assim, inclui-se na realidade brasileira de milhares de mães/responsáveis que adentram o mundo de trabalho, e trazem a necessidade de existência de um ambiente para receber essas crianças pequenas, com profissionais preparados para lidar com aspectos que fazem parte desse processo de aprendizagem e, também, adaptativo.

Esta pesquisa busca partir de um referencial teórico que resgata o olhar pedagógico e visa um olhar crítico, utilizando-se como norteador as obras e “Ensinando aos pequenos de zero a três anos” (2022) e “O trabalho pedagógico com crianças de até três anos” (2022) organizados por Alessandra Arce e Ligia Martins com a contribuição de diversos autores, como Belissa Jambersi (2022), Paula Costa e Juliana Cesana (2022), Janaina Silva (2022), Marilene Raupp (2022) e Merilin Baldan (2022) tratam a respeito da educação infantil em creche, ressaltam a importância da educação precoce para o desenvolvimento integral das crianças, sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural, pois

Desde a LDB (BRASIL, 1996), as creches passaram a ter funções educacionais e ser consideradas espaços específicos para o desenvolvimento infantil. Consequentemente aos profissionais da Educação Infantil foram atribuídas responsabilidades que vão além do cuidado e da assistência, mais voltadas, diretamente, para a promoção desse desenvolvimento. (ARCE; MARTINS, 2022, p. 116)

Segundo Arce (2022), nesta fase a educação se destaca como importante para a formação de valores éticos e morais e para a aquisição de habilidades, como a fala e a coordenação motora, que serão fundamentais para o futuro da criança, nesse processo de desenvolvimento acelerado, é preciso que sejam

oferecidas experiências significativas que contribuam para o seu desenvolvimento integral e que as crianças desde os primeiros anos de vida tenham acesso a uma educação de qualidade.

O trabalho que realizamos com as crianças pequenas é o início do desenvolvimento da imaginação, do processo criador. Assim, o trabalho intencional de apresentação do mundo para essa criança, por meio dos seus sentidos, com a ajuda dos objetos produzidos pela humanidade, deve ser planejado e proposto pelo professor. (ARCE, 2022, p. 21)

Assim, a educação infantil precisa ser vista como um direito de todas as crianças, independentemente de sua condição social, com a necessidade de um ambiente acolhedor, seguro e respeitoso às diferenças individuais das crianças, oferecendo-lhes estímulos que possibilitem a sua curiosidade, criatividade e autonomia. Em resumo, a educação infantil para crianças de zero a três anos é crucial para o seu desenvolvimento saudável e equilibrado, oferecendo-lhes uma base sólida para o futuro.

Ainda sobre a mesma temática, segundo Rapport e Piccinini (2001), a adaptação escolar é um processo difícil e desconfortável de separação, tanto para a família quanto para a criança, representando um passo natural da vida humana, em que há um esforço psíquico significativo, em busca de conhecer e estabelecer relações com o meio. A visão de Rapport e Piccinini (2001) sobre a adaptação escolar destaca a importância da relação entre o aluno e o ambiente escolar na promoção da adaptação bem-sucedida, do papel dos professores argumentando que são responsáveis por criar um ambiente de aprendizagem positivo, estabelecer relações de confiança e respeito com os alunos, oferecer suporte emocional e acadêmico, que a escola deve ser um lugar seguro e estimulante para que os estudantes possam se sentir acolhidos e motivados para aprender e que auxiliarão para a discussão do trabalho pedagógico com as crianças.

O processo educativo intencional e sistematizado se inicia na educação infantil, sendo a creche a primeira etapa, portanto, no trabalho com crianças pequenas. Para tanto, o interesse por pesquisar esse tema surgiu a partir de experiências de estágios em educação infantil realizados durante a graduação em Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, após acompanhar salas com crianças de 0 a 3 anos e o primeiro contato com a instituição, o que permitiu observar o processo de desenvolvimento da criança, as contribuições do trabalho

pedagógico desenvolvido pelo docente, o papel da família unido ao papel da escola e percepção de que há um trabalho contínuo com as crianças pequenas desde o momento em que são recebidas na entrada da sala de aula.

A partir disto, têm sido realizadas pesquisas sobre a educação infantil com mais frequência, autoras como Arce e Martins (2012, 2022, 2022), Saito (2018, 2021, 2022), Pasqualini e Lazaretti (2019, 2021), que tratam a respeito dos eixos que guiam o trabalho pedagógico, a importância da intencionalidade dessa etapa escolar e o papel do professor em construir possibilidades educativas no interior da escola de educação infantil, que sejam capazes de articular conteúdos e formas de ensinar, que possam, a cada momento de vida da criança, ser promotoras de humanização e emancipação, considerando as peculiaridades e necessidades de cada período do desenvolvimento, bem como as condições particulares-concretas que já foram ensinadas (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021).

Por meio dessa temática, têm sido desenvolvidas diversas pesquisas a respeito da adaptação em creche, como Bossi, Brites e Piccinini (2017), que investigaram a partir do relato de mães sobre a adaptação dos bebês à creche em Porto Alegre, o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de crianças, desde seu sexto mês até o final dos anos pré-escolares e se utilizaram de uma análise de conteúdo qualitativa. Mais especificamente, busca comparar ao longo desse período, o desenvolvimento de crianças que frequentaram ou não a creche, e relacioná-lo à qualidade dos ambientes institucional e familiar (BOSSI; BRITES; PICCININI, 2017). Os resultados revelaram que vários aspectos que facilitaram essa adaptação estavam relacionados à confiança e tranquilidade das mães nas educadoras da sala de aula.

Porquanto, Andrade e Macedo (2016) investigaram uma creche em Goianinha/RN, durante quatro semanas foram observados o processo de adaptação e o acolhimento de uma turma de nível II. No início do ano letivo de 2016, ao analisar a turma em período matutino, se observou a chegada dos alunos, o comportamento das crianças e como elas foram recepcionadas pelas educadoras, em busca de saber e entender o sentimento das crianças nesse período de adaptação e a diferença do acolhimento neste momento.

Em conclusão, as autoras ressaltam que o ideal seria receber um número pequeno de crianças novas por vez, para que facilite a atenção que irão receber do

educador e assim possa-se estabelecer um vínculo de confiança mais rápido. A criança ainda deve permanecer na escola por pouco tempo nos primeiros dias, de modo que o tempo de permanência seja aumentado, destacando a importância do acolhimento (ANDRADE; MACEDO, 2016).

É possível observar, no geral, que esses estudos abordam o tema com um olhar mais individualista, com pesquisas e entrevistas com pais/responsáveis, enfoque na ação/reação das crianças diante do novo cenário, e na relação afetiva de professor/aluno, a afetividade é um componente essencial do trabalho com educação infantil, seguindo a hipótese de que as pesquisas com esse olhar acabam se tornando diagnósticas de dificuldade, pode ocorrer uma ausência do olhar pedagógico crítico e de como o docente pode desenvolver alternativas em sala de aula para tornar o ambiente mais acolhedor e aberto para o desenvolvimento das crianças.

Diante disso, ainda é necessário pesquisar os aspectos didáticos-pedagógicos visando focar no papel docente durante o processo adaptativo em escola, portanto, o objetivo geral desta pesquisa se constitui pela seguinte indagação: **Quais aspectos do trabalho pedagógico na educação infantil podem contribuir para o processo de adaptação escolar para crianças de 0 a 3 anos?**

Supõe-se que nessa organização teremos alguns eixos principais do trabalho desenvolvido em creche, como os aspectos da rotina, do movimento, interação e afetividade que podem auxiliar na adaptação.

Para tal, a partir da leitura de fontes bibliográficas, a proposta para o desenvolvimento deste trabalho apresenta **objetivos específicos**, sendo eles: definir o conceito de adaptação escolar na educação infantil a partir das pesquisas selecionadas, identificar os princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, em processo de adaptação escolar com base nos resultados de pesquisa dos últimos dez anos sobre a temática e, então, analisar as relações entre o trabalho pedagógico e a adaptação escolar na educação infantil, com base nos estudos de Arce e Martins (2022, 2022).

Estudiosas como Arce e Martins (2012, 2022, 2022), Saito (2018, 2021, 2022), Pasqualini e Lazaretti (2019, 2021) que serviram como referencial teórico, abordam o trabalho pedagógico com crianças de zero a três anos, tratando como fundamental a valorização da brincadeira e da experimentação como formas

importantes de aprendizagem para essa faixa etária. Durante os primeiros anos de vida, a criança passa por um processo de desenvolvimento acelerado, e é neste período que ela adquire habilidades importantes, como a fala, a coordenação motora e as relações sociais.

Porquanto, é importante criar um ambiente que estimule a curiosidade, a criatividade e a autonomia das crianças, oferecendo-lhes experiências significativas que contribuam para o seu desenvolvimento, de forma intencional e sistemática, na qual apresentam a necessidade de mudança da visão de assistencialismo da creche, tendo o papel do professor como essencial para o preparo desse espaço de aprendizagem e do primeiro contato da criança com o espaço, além da importância de se trabalhar com as famílias dessas crianças de forma colaborativa, para garantir a continuidade do processo de aprendizagem.

Defendemos que a escola, como um lugar social historicamente conquistado, embora não isento de contradições, contém potencialidade de enriquecer a formação da criança. É preciso demarcar a conquista histórica representada pelo reconhecimento da Educação Infantil como segmento educacional e reafirmar a função social da escola para a criança de 0 a 5 anos sem uma finalidade, enquanto instituição educativa, [...] Trata-se de construir possibilidades educativas no interior da escola de educação infantil capazes de articular conteúdos e formas de ensinar que possam, a cada momento de vida da criança, ser promotoras de humanização e emancipação, considerando as peculiaridades e necessidades de cada período do desenvolvimento, bem como as condições particulares-concretas nas quais ensinamos. (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 126)

Por isso temos a finalidade de analisar como se desenvolve o trabalho pedagógico com crianças de 0 a 3 anos, com um foco no período de adaptação escolar, do primeiro contato literal da criança com o professor e com a escola. Para a coleta de dados, foi utilizado o site do *Google Acadêmico*, uma base de dados de artigos, com as palavras-chave combinadas “adaptação escolar infantil creche 0 a 3 anos”. Foram buscados artigos do ano de 2012 até 2022, delimitando-os por títulos relacionados à temática e, então, os resumos dos artigos, para selecionar especificamente os que tratam do processo de adaptação com crianças de até 3 anos.

Nas próximas seções do trabalho apresentaremos um levantamento bibliográfico sobre o assunto, o referencial teórico, a metodologia, os resultados da pesquisa e nossas considerações finais.

2 O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ALGUNS EIXOS

Ao pensarmos na temática da adaptação escolar de crianças de 0 a 3 anos, é necessária uma fundamentação teórica sobre o trabalho pedagógico com essas crianças, no ambiente de sala de aula. Os autores que serão utilizados analisam a educação infantil sob a visão da Psicologia Histórico Cultural, uma abordagem que tem como objetivo compreender o desenvolvimento humano em contexto social e cultural. Nesta perspectiva, a educação é vista como um elemento fundamental para o desenvolvimento da criança, pois permite que ela tenha acesso à cultura, ao conhecimento e aos valores da sociedade e enfatiza a importância do papel social da educação infantil, que não se limita apenas ao ensino de habilidades e conhecimentos, mas também ao desenvolvimento de valores e comportamentos sociais. De acordo com Saito e Oliveira (2018, p. 2),

[...] ao pensarmos sobre a infância, há a necessidade de compreendermos o sujeito que dela participa, no caso, a criança, um ser biológico, histórico e cultural que transforma o mundo e por ele é transformado e que tem peculiaridades do desenvolvimento como ser humano. Em se tratando da educação infantil como primeira etapa da educação básica, podemos afirmar, no contexto atual, que ela se constitui como início e processo para a formação integral da criança nas demais etapas da vida educacional. Como instituição formativa e educacional, tem o compromisso de ampliar o universo de conhecimentos, saberes, experiências e potencialidades das crianças, principalmente entre 0 e 5 anos, com propostas diversificadas e consolidadoras de novas aprendizagens; além de contribuir para a formação humana do sujeito, com olhares para ações mediadoras no campo da criatividade, socialização, criticidade e expressividade humana.

Entretanto, para entender a busca pela qualidade da educação infantil, seja pela formação de docente, até chegar na visão de que a criança precisa ser vista como um ser em desenvolvimento e em constante construção de sua identidade, com um ambiente educativo que lhe permita experimentar e explorar o mundo à sua volta, é necessário um percurso histórico para educação que temos nos dias atuais.

O percurso histórico tem início em um cenário europeu com a Revolução

Industrial, no século XVIII, que demarcou a entrada das mulheres no mundo do trabalho em um movimento universal, o que causou a saída das mães para trabalharem e que existisse alguém para os cuidados dos filhos em sua ausência. No começo, as mães operárias utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias e que optaram por não trabalharem nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres, mas a inserção das mulheres com o passar do tempo só cresceu, então foram surgindo outras formas de arranjos mais formais de serviços de atendimento das crianças “[...] organizados por mulheres da comunidade que, na realidade, não tinham uma proposta instrucional formal, mas adotavam atividades de canto e de memorização de rezas (RIZZO, 2003 apud PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 80)” Porém, não havia uma preocupação com uma educação formal ou pessoas preparadas.

A preocupação das famílias pobres era sobreviver, segundo essa autora, sendo assim, os maus tratos e o desprezo pelas crianças tornaram-se aceitos como regra e costume pela sociedade de um modo geral. (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 81)

Assim, mesmo que em alguns contextos houvesse quem cuidasse, era cuidado oferecido em troca de recursos, muitas famílias não tinham condições e a criança ficava sozinha. Foi um período marcado por mortalidade infantil elevada, desnutrição, acidentes e, então, por inevitabilidade devido às consequências, a sociedade começa a discutir sobre a necessidade de cuidado das crianças. Assim,

[...] enquanto as famílias abastadas pagavam uma babá, os pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto da família. Essa origem determinou a associação creche/criança pobre e o caráter assistencial(ista) da creche. (DIDONET, 2001, p. 12)

Segundo Didonet (2001), a circunstância de origem com caráter assistencialista entre a Europa e o Brasil determinou a semelhança entre as creches européias e as creches brasileiras. Contudo, no Brasil teve o fator de atendimento das crianças abandonadas, órfãs e filhas de mães solteiras, no século

XVIII até o século XIX, chamados por Roda dos Expostos, na qual, por meio de um dispositivo, eram colocados os bebês abandonados, e ao girar a roda, era puxada uma corda para avisar a rodeira que um bebê estava sendo abandonado, preservando a identidade de quem abandonou, normalmente, em Casas de Misericórdia. Assim, durante muito tempo, orfanato e creche eram quase sinônimos, por conseguinte um número significativo de creches foi criado no Brasil não pelo poder público, mas exclusivamente por organizações filantrópicas.

O modelo filantrópico predominou até fins da segunda década do século 20. As preocupações médicas com as crianças atendidas pelo sistema filantrópico, motivadas pelas altas taxas de mortalidade, já estavam presentes nas décadas de 70 do século 19, aliando pediatria e filantropia, mas é na década de 30 do século 20 que se ampliou a atuação dos profissionais da saúde, com propostas higienistas, revezando-se no discurso ou mesclando atuação médica, sanitarista, assistencialista e moral. (DIDONET, 2001, p. 13)

Nesse caminho, a preocupação de atendimento e de educação a todas as crianças, independente da sua classe social, se evidencia a partir de 1940 com o início do processo de regulamentação no âmbito da legislação brasileira. Portanto, a criança só obtém seu direito garantido à educação, com a Carta Constitucional de 1988, na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). O que se tornou uma responsabilidade garantir vagas para as crianças, mas a obrigatoriedade do ingresso aplicando-se somente a partir dos 4 anos das crianças.

É possível observar que mesmo com o longo caminho de políticas públicas para a educação infantil no Brasil, a origem das instituições escolares tem o caráter assistencialista, especificamente na creche, as práticas espontaneístas, que visam somente o “cuidar” se destacam como uma pauta atual e discutida entre os estudiosos dessa etapa de ensino. De acordo com Martins (2012, p.93),

O trabalho pedagógico dirigido às crianças de zero a três anos, indiscutivelmente, encerra grandes desafios. Nenhum outro segmento educacional parece-nos tão representativo da "pedagogia da espera" quanto ao que se destina às crianças dessa faixa etária,

ou seja, da ideia segundo a qual pouco há que se fazer até que elas cresçam! Essa ideia, lamentavelmente, tem atravessado os tempos e conformado modelos de atendimento em creches (em especial, públicas) que avançam pouco além da garantia aos cuidados básicos de alimentação, de higiene, de segurança etc. [...] tem revelado um outro anseio: como superar as práticas cotidianas espontaneístas na direção da organização de ações educativas mediadoras das formas pelas quais a criança se relaciona em seu entorno físico e social, tendo em vista explorar as suas máximas possibilidades de desenvolvimento.

Assim, a criança durante a sua primeira infância, passa por diversas etapas sendo essencial a exploração ao máximo das possibilidades de desenvolvimento, Martins (2022) discorre sobre a importância do estímulo e da aprendizagem por meio da socialização.

[...] o desenvolvimento dos seres humanos demanda inter-relações, por meio das quais, cada homem aprende a sê-lo apropriando-se das conquistas produzidas pelas gerações precedentes. Aos seres humanos não bastam os atributos que dispõem no ato de seu nascimento, como os demais animais. As características biológicas presentes nesse ato são meramente preparatórias para a sua interação com o mundo social, da qual o mais dependerá, quer no próprio plano biológico, quer no plano psicológico e social. (MARTINS, 2022, p. 1201)

A atual pesquisa se desenvolve sob a fundamentalidade do trabalho pedagógico na creche, em busca do desenvolvimento integral das crianças, pois o desenvolvimento infantil é um processo complexo que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. O desenvolvimento físico inclui mudanças no tamanho e forma do corpo, na força e agilidade, na habilidade motora fina e grossa, entre outras. O desenvolvimento cognitivo se refere ao processo pelo qual a criança adquire e aperfeiçoa suas habilidades de pensamento, como a atenção, a memória, a solução de problemas e a linguagem. O desenvolvimento emocional é o processo pelo qual a criança aprende a reconhecer, expressar e controlar suas emoções e, também, o desenvolvimento social que se refere à aquisição de habilidades sociais, como a comunicação, a cooperação, a empatia e a resolução de conflitos. Estes processos do desenvolvimento infantil estão inter-relacionados e ocorrem de forma progressiva e individual (MARTINS, 2022), ou seja, cada criança tem seu próprio ritmo e estilo de desenvolvimento. Portanto, o ambiente escolar necessita oferecer a elas uma base sólida para o aprendizado e a formação de

valores.

Martins (2022), ao abordar sobre o desenvolvimento de crianças de zero a três anos, ressalta que durante os primeiros anos de vida, a criança passa por um processo de desenvolvimento acelerado, e é neste período que ela adquire habilidades importantes, como a fala, a coordenação motora e as relações sociais. Desde os seus primeiros dias e meses de vida, a criança já é um ser social, que possui o mundo a sua volta como seu objeto de interesse, tendo como características: o colocar objetos na boca e o imitar sons a partir do 4° e 5° mês. Assim, no seu primeiro ano de vida, ocorre um aperfeiçoamento das atividades do córtex cerebral, em que começam a se estabelecer relações mais complexas entre a criança e o que o cerca, o adulto necessita do planejamento de ações, pois somente sob condições de educação, exposição e por aprendizagem de estimulação que é conquistada mais autonomia e funções mais complexas, sendo elas, ensinar a falar, no momento em que a criança é exposta a situações de estimulação social, assim, estabelece relações entre objetos, sons e significados.

Há também o desenvolvimento das emoções e, com isso, a crise do primeiro ano, que ocorre ao final do primeiro ano caracterizada pelo afloramento da vontade própria da criança, demanda a participação ativa do adulto oferecendo situações favoráveis à criação de interesses sociais para que o bebê consiga criar a consciência de si e o que o cerca. Não obstante, ao adentrar o seu segundo e terceiro ano de vida, a criança tem como atividade principal: o manuseio de objetos, essa descoberta de objetos constitui-se como atividade satisfatória e estimula o desenvolvimento sensorial da criança. Então, é essencial ensinar a criança a maneira correta de atuar com os objetos, associando palavras e objetos, auxiliando na construção do vocabulário. A partir dos dois anos e meio, essas ações devem priorizar a aquisição da fala, então, ao término do 3° ano, a criança já conquistou domínio de operações importantes como comparação, análise, etc. (MARTINS, 2022).

Posto isto, o indivíduo amplia suas possibilidades de controle sobre si mesmo e o mundo que o cerca, ao desenvolver funções psíquicas humanas. A creche sendo o primeiro contato do indivíduo com um ensino intencional e sistematizado, é imprescindível abordar sobre sua estrutura e sua organização. Especificamente, sobre a formação do docente atuante neste espaço, Martins

(2022) traz que, para um melhor desenvolvimento dentro do ambiente da creche e da sua rotina, é preciso que o professor se utilize de conhecimentos que interfiram de modo direto (formação teórica) e indireto (formação operacional) no desenvolvimento dessa criança.

Em relação aos conhecimentos de interferência indireta,

Denominamos de conteúdos de formação operacional, que compreendem os saberes interdisciplinares que devem estar sob domínio do professor e se subjazem às atividades disponibilizadas aos alunos. Incluem os saberes pedagógicos, sociológicos, psicológicos, de saúde etc. Esses conhecimentos não serão transmitidos às crianças em seu conteúdo conceitual e, nesse sentido, é que promoverão, nelas, o que classificamos como aprendizagem indireta [...] incidem na propulsão do desenvolvimento de novos domínios psicofísicos e sociais expressos em habilidades específicas constitutivas da criança como ser histórico social. [...] interferem diretamente na constituição de novas habilidades na criança, mobilizando as funções inatas, os processos psicológicas elementares, tendo em vista a complexificação de sua estrutura e de seus modos de funcionamento, a serem expressos sob a forma de funções cultural, de processos psicológicos superiores.(MARTINS, 2022, p. 1518)

Enquanto, os conhecimentos de interferência de modo direto,

Denominados conteúdos de formação teórica que compreendem os domínios das várias áreas do saber científico, transpostos sob a forma de saberes escolares. Permearão as atividades propostas às crianças tendo em vista sua socialização como tal, isto é, para que se efetivem como objetos de apropriação, devem ser transmitidos direta e sistematizadamente em seus conteúdos conceituais, e para tanto, precisam ser ensinados. Tais conhecimentos corroboram para as aquisições culturais mais elaboradas, tendo em vista a superação gradual de conhecimentos sincréticos e espontâneos em direção à apropriação teórico-prática do patrimônio intelectual da humanidade. [...] por sua vez, operam-se indiretamente no desenvolvimento das funções psicológicas à medida que promovem a apropriação de conhecimento. (MARTINS, 2022, p. 1519)

Nesse sentido, por meio dos princípios da Psicologia Histórico Cultural, Martins (2022) destaca a necessidade das inter-relações, da interação e relação da criança com o mundo que habita, e com destaque em “[...] que o desenvolvimento se produz por meio de aprendizagens e esse é o pressuposto vigotskiano, segundo o qual o bom ensino, presente em processos interpessoais, deve se antecipar ao desenvolvimento para poder conduzi-lo” (MARTINS, 2022, p. 1522).

Essa proposta de ensino de conteúdos, visando um trabalho de qualidade,

vem reforçada na obra “O trabalho pedagógico com crianças de até 3 anos”, assim Arce (2022, p.10) aborda:

[...] o trabalho intencional, direcionado e planejado por parte do professor é fundamental para produzir desenvolvimento nas salas de Educação Infantil, em especial, nas creches. A ideia que nos envolve é a de que as crianças pequeninas devem ter seus horizontes intelectuais, mas também os emocionais e corporais. Para isso, o professor deve munir-se de conhecimentos teóricos e metodológicos que possibilitem a compreensão de como a ação intencional e o ensino são decisivos para um trabalho pedagógico de qualidade.

Outrossim, para o desenvolvimento do trabalho pedagógico podemos citar alguns eixos que o estruturam, sendo os itens selecionados para esta pesquisa: o movimento, a rotina e a afetividade na creche.

2.1 Eixo do movimento

Com destaque à primeira infância, os bebês constroem suas identidades e a relação com o espaço por meio dos movimentos, sejam eles, o engatinhar, deslizar, sentar ou caminhar, os movimentos e a cognição andam juntos na faixa etária de 1 a 3 anos, destaca-se como uma das etapas cruciais o estímulo e experiências motoras e um ambiente preparado e seguro para a exploração (CESANA; COSTA, 2022).

Destarte, Cesana e Costa (2022) reconhecem a importância de compreender o processo da motricidade infantil e os diversos fatores que possuem implicações pedagógicas no desenvolvimento da criança.

As crianças vêm a este mundo despreparadas para enfrentar os desafios impostos pela locomoção no campo gravitacional, já que estão habituadas ao ambiente líquido. Após o nascimento, todos os sistemas biológicos se esforçam para se adaptarem aos fatores ambientais. Dessa forma, a motricidade infantil passa, necessariamente, por um processo contínuo de desenvolvimento a fim de adaptar-se ao meio, assim como os demais órgãos vitais. (BERNSTEIN, 1967 apud CESANA; COSTA, 2022, p. 110)

Saito (2022) aborda sobre o princípio do movimento no trabalho pedagógico da educação infantil, especificamente com bebês, que ocorre nas atividades

desenvolvidas no ambiente escolar.

[...] Por isso, acredita-se que as condições sócio-históricas e culturais determinam o desenvolvimento do psiquismo. O lugar que a criança ocupa nas relações sociais, a riqueza ou a pobreza cultural presente no convívio com seus companheiros e a possibilidade de apropriação das objetivações historicamente elaboradas pela humanidade balizam suas condições objetivas de desenvolvimento. O bebê, na idade compatível para frequentar a creche, já é capaz de manifestar atenção aos estímulos sensoriais. Dessa maneira, a organização das atividades sensoriais é fator relevante, pois ele perceberá o corpo e compreenderá o entorno por meio dos 5 sentidos. “Assim, podemos afirmar que o mundo, ou a cultura historicamente constituída, passa a entrar na vida do indivíduo pelas vias sensitivas e constituirá, dia após dia, o seu psiquismo” (Magalhães, 2011, p. 63). Aliado a esse fator, em cada período do desenvolvimento, o indivíduo se apropria do universo no qual está inserido de forma peculiar. Em cada momento do desenvolvimento psíquico, predomina um tipo de atividade capaz de reorganizar e de acarretar evoluções, entretanto a atividade não acontece de forma espontânea; insere-se nas mediações sociais, ou seja, o indivíduo que domina a cultura a transmite. Na escola, essa relação acontece pelo ensino. (SAITO, 2022, p. 7)

Portanto, o eixo do movimento dentro do trabalho com bebês e crianças pequenas em creches visa para além de somente treinar lateralidade, coordenação motora fina e grossa, porém, contribui para o seu desenvolvimento integral e sua compreensão de si mesmo.

2.2 Eixo da rotina

Na organização pedagógica, a rotina se introduz como item fundamental, não podemos banalizá-la ou justificá-la para desenvolver práticas espontâneas e sem planejamento pedagógico. Saito (2018) ressalta que

[...] a rotina pedagógica, muitas vezes, é direcionada para uma ação marcada pela inflexão decisiva por modelos ideais e que, em sua maioria, não traduzem as necessidades potencializadoras para a aprendizagem e humanização das crianças. Ou seja, pela lógica da razão instrumental do ensino, muitos professores da infância, vão estabelecendo suas ações à luz de receituários pedagógicos ou de adaptações do coletivo, quando há a crença de que se todos fazem desta forma, então por que não fazer? Sem falar da adaptação pedagógica que gera o conformismo uniformizador de muitas ações que se afirmam pedagógicas. (SAITO; OLIVEIRA, 2018, p.7)

Todavia, Barbosa (2008) classifica a importância da rotina pedagógica como um valor estruturante no cotidiano da sala de aula, que oferece ao aluno uma ordem para a experiência confusa da criança e se caracteriza como um elemento integrante e estruturante da organização das instituições de ensino. De modo que,

Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc. A importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de constituir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado. É possível afirmar que elas sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais. (BARBOSA, 2008, p. 36)

Em específico ao trabalho em creches, Rapoport e Piccinini (2001) discorrem que os momentos e eventos particularmente estressantes no cotidiano escolar, como a hora de comer, dormir, ida ao banheiro, trocas de fraldas, são momentos que destacam as limitações do bebê e que fazem parte da rotina pedagógica da etapa, neles são oportunidades de ensino-aprendizagem para os bebês de enfrentamentos e formas de lidar com esse estresse.

Assim, a rotina classifica-se como um eixo, mas em sala de aula torna-se uma prática, que como dito anteriormente, oferece segurança e ordem para o aluno, também para o docente e para o seu planejamento pedagógico.

2.3 Eixo da interação e da afetividade

As relações interpessoais na educação das crianças pequenas, já citadas anteriormente, são fontes fundamentais, tanto para desenvolvimento sócio-emocional, como cognitivo. Nessa fase, as crianças estão aprendendo a se relacionar com outras pessoas, passa por uma mudança de condição do ser fundamentalmente biológico para começar a se entender como indivíduo, um ser social, em uma cultura, com diferentes pessoas, a compreender as emoções e sentimentos dos outros, a expressar seus próprios sentimentos e a construir

vínculos afetivos com as pessoas à sua volta, por meio delas nos tornamos humanos e sujeitos no mundo.

Ao nascer, as crianças se defrontam com um mundo em processo contínuo de constituição. Para receber estas crianças, os adultos responsáveis selecionam de seu patrimônio afetivo, social e cultural as práticas de cuidado e educação que consideram mais adequadas para oferecer bem-estar a esses bebês e para educá-los. (BARBOSA, 2010, p. 4)

Pasqualini (2009, p. 36) esclarece que o desenvolvimento é um processo dialético, em que a passagem de um estágio a outro se realiza não por via evolutiva, mas sim, revolucionária. Com destaque fundamental atribuída ao afeto, que é considerado como fator essencial do desenvolvimento psíquico em todas as suas etapas e concebido em unidade com – e não em oposição a – o intelecto: “(...) o afeto e o intelecto não são dois pólos reciprocamente excludentes, mas duas funções psíquicas estreitamente vinculadas entre si e inseparáveis” (p.314). ” (VYGOTSKI, 1996, p. 314 apud PASQUALINI, 2009, p. 36)

Portanto, o afeto e o intelecto estão congruentes durante o desenvolvimento da criança, e se denomina como indispensável ao processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista essa unidade entre afeto e intelecto.

2.4 Adaptação escolar

A adaptação escolar determina-se como um processo inerente à entrada na escola, Rapport e Piccini (2017) tratam da importância da relação entre o aluno e o ambiente escolar na promoção da adaptação bem-sucedida, sendo um processo dinâmico e que requer a colaboração de todos os envolvidos, incluindo a escola, a família e os alunos. Além disso, destacam o papel dos professores na promoção da adaptação escolar, argumentando que os docentes devem criar um ambiente de aprendizagem positivo, estabelecer relações de confiança, respeito com os alunos e oferecer suporte emocional.

Em específico, em creche deve-se desenvolver um processo mais lento e cuidadoso ao se tratar de crianças pequenas, a “[...] adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação.” (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p.

15).

A adaptação escolar com crianças de 0 a 3 anos tem suas especificidades, vêm acompanhado de fatores fisiológicos e também emocionais da criança durante esse processo: o choro, adoecimento da criança, mudanças de comportamento, e com isso, manifesta-se a importância de uma relação mais direta e de confiança com a família, a importância da criação de vínculos com a família e especialmente com a criança.

De acordo com Martins (2022), trata-se de uma etapa repleta por marcos referenciais na primeira infância, como o desenvolvimento motor: a conquista pela habilidade de rolar, engatinhar e eventualmente andar; o desenvolvimento cognitivo: neles se encaixam todas as habilidades que utilizam-se da percepção visual, auditiva, tátil e gustativa, também as relações sociais, estímulos que incitem a socialização e a linguagem do bebê, e além do mais, o desenvolvimento sócio afetivo: no qual se engloba todas as atitudes e as habilidades necessárias para reconhecer e controlar suas próprias emoções, bem como para demonstrar afeto e preocupação com os outros, a fim de estabelecer relações positivas, tomar decisões responsáveis.

Dessa maneira, a adaptação escolar deve ser levada a sério e consideradas todos os seus encadeamentos devido a um processo descabido de reflexão. Pois, a partir de um trabalho pedagógico intencional e planejado, se proporciona um ambiente com condições adequadas para que os bebês possam interagir e explorar o ambiente com autonomia, num ambiente seguro e acolhedor, com relações de confiança e vínculos afetivos, visando o desenvolvimento integral das crianças.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar a respeito dos aspectos do trabalho pedagógico na educação infantil que podem contribuir para o processo de adaptação escolar para crianças de 0 a 3 anos, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, descritiva de abordagem qualitativa. Porquanto, o método é o que rege o desenvolvimento de uma pesquisa, dessa forma, devemos passar “[...] pelo estudo dos métodos” (TOMANIK, 2004, p. 20) e então nos tornar capazes de compreender que “[...] os métodos não são apenas formas de avaliar afirmações, mas são também caminhos para se chegar a estas afirmações” (TOMANIK, 2004, p. 20).

3.1 Caracterização da pesquisa

Desse modo, o método escolhido para o desenvolvimento deste estudo é o bibliográfico. Gil (2017) classifica a pesquisa bibliográfica como uma base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como bibliográficos. As investigações sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2017).

Por isso, com o objetivo de investigar o trabalho pedagógico na adaptação escolar de crianças de 0 a 3 anos, a presente pesquisa de abordagem qualitativa, tem um intuito investigativo, acerca dos processos pedagógicos que permeiam o período de adaptação escolar. Os procedimentos metodológicos deste trabalho foram de leitura e análise; como instrumento para coleta de dados, foi feita pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2017, p. 28):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem tem, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. [...] convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados

foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas [...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Com isso, Gil (2008) afirma que há grandes vantagens na pesquisa bibliográfica, sendo a de possibilitar estudos de conceitos abrangentes e amplos, que, talvez, não poderiam ser possíveis em uma pesquisa direta e com espaço limitado, representando relações com os objetivos postos para este trabalho de conclusão de curso.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico, “Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação” (GIL, 2008, p. 46). Assim, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do assunto e da disponibilidade dos materiais que foram produzidos, uma vez que “[...] o contato com o material já produzido sobre o assunto poderá deixar claro para o pesquisador as dificuldades para tratá-lo adequadamente” (GIL, 2008, p. 47).

3.2 Procedimentos de coletas de dados

Para a coleta de dados, foi utilizado o site do *Google Acadêmico*, um serviço de busca do *Google*, que funciona como um repositório de teses, artigos científicos, resumos, monografias, dissertações e livros. Buscamos os materiais no site no dia 23 de dezembro de 2022, com a frase “adaptação escolar infantil creche 0 a 3 anos”. A escolha desta base de dados tem como justificativa a grande quantidade de revistas científicas, fonte desta pesquisa, disponibilizadas para acesso público no Brasil.

Foram buscados artigos através da frase acima citada e delimitando-os na publicação dos últimos dez anos, ou seja, 2012 a 2022, ficando restrita até a página 15. Foram encontrados diversos trabalhos, dentre eles, dissertações e teses a partir desse critério. Primeiramente, selecionamos 12 trabalhos acadêmicos que contêm o título relacionado ao tema, especificamente sobre adaptação de bebês no

berçário e/ou creche. Os critérios eram selecionar somente os artigos, portanto, descartamos 3 monografias e permanecemos com 9 artigos. A partir da análise desses 9 artigos, identificamos que 6 deles tinham o objetivo de investigar diretamente a adaptação escolar das crianças de 0 a 3 anos, relacionando o papel do professor com o trabalho de colaboração da família neste processo, assim, eliminamos 3 artigos e ficamos com 6.

Portanto, os critérios para exclusão dos artigos são justificados através da leitura dos títulos e dos resumos dos trabalhos, buscando selecionar especificamente os que tratam dos sujeitos principais no processo de adaptação escolar além da criança: os professores e os pais/responsáveis.

3.3 Procedimentos de análise de dados

Este percurso se inicia com a revisão bibliográfica, em um procedimento de leitura de reconhecimento do material bibliográfico, exploratório e seletivo (MIOTO; LIMA, 2007). Após a seleção dos artigos, foram definidos critérios para a realização da análise dos dados, para então, elaborar quadro que apresenta o título do artigo, o ano de publicação, autor, tipo de pesquisa e o foco do trabalho pedagógico descrito em cada pesquisa.

Em seguida, com objetivo de analisar a temática da adaptação escolar de crianças pequenas, de 0 a 3 anos e como as pesquisas científicas têm abordado a respeito do trabalho pedagógico do professor nesse período, se esses artigos têm citado eixos e caminhos para se seguir no processo de adaptação escolar visando facilitá-lo. Para isso, iniciou-se leitura crítica e então, interpretativa, que “[...] requer um exercício de associação de ideias, transferências de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar. O critério norteador nesse momento é o propósito do pesquisador” (MIOTO; LIMA, 2007, p. 40).

Posteriormente, destacamos os trechos dos artigos que possuem relação direta com cada objetivo específico, numa tentativa de estabelecer relação entre o conteúdo do material selecionado e as categorias de análise previamente definidas.

Assim, a análise se inicia a partir do seu conteúdo, do desenvolvimento dos artigos analisados, suas propostas pedagógicas dentro de sala de aula e a sua ligação com o objetivo geral, ou seja, quais os aspectos do trabalho pedagógico na

educação infantil presentes no processo de adaptação escolar para crianças de 0 a 3 anos e que podem contribuir para um processo adaptativo efetivo, com a finalidade de articulação entre o processo de adaptação escolar com o trabalho pedagógico dos docentes dentro de sala de aula, tendo em vista, que a análise baseia-se em autores amparados pela teoria Psicologia Histórico-Cultural, como Arce e Martins (2012, 2022, 2022), Saito (2018, 2021, 2022), Pasqualini e Lazaretti (2019, 2021).

4 ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS

Analisar o trabalho pedagógico desenvolvido no processo de adaptação escolar, sem considerar qual o papel do docente, viabiliza as práticas espontaneístas na sala de aula. Especialmente, o fato da faixa etária de 0 a 3 anos, etapa de creche/berçário não possuir a obrigatoriedade de acesso, manifesta-se um processo de desvalorização e sucateamento, por parte da sociedade e, também, dos docentes de apoderar-se da sua função de formação humana na educação infantil.

Consideramos que ao passar dos anos, a educação infantil tem sido pauta no cenário da educação nacional, muitas pesquisas e obras vêm sendo desenvolvidas em relação a essa etapa e a formação dos docentes. Entretanto, para o trabalho com bebês e crianças, o número de pesquisas tem sido inferior e a creche é vista como um lugar somente de cuidado, sem considerar sua função formadora e de ensino e aprendizagem. Portanto, tomamos o posicionamento crítico de Oliveira e Saito (2018, p. 11) compreendendo que:

[...] é necessário estabelecer, através do ensino, diferentes formas de mediação do conhecimento, com ações e objetivos estabelecidos por meio do planejamento do ensino, com propostas diversificadas e que extrapolem o trabalho cuidador e assistencial a que tem se submetido os espaços de educação infantil.

Nesse sentido, a análise foi desenvolvida a partir dos objetivos definidos neste trabalho, tornando-os categorias e buscando respondê-los em cada um deles. O primeiro tópico aborda sobre o conceito de adaptação escolar de crianças de 0 a 3 anos, segundo pesquisas dos últimos dez anos na área de educação infantil. No percurso, busca-se identificar os princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, com base em resultados de pesquisa de um recorte dos últimos dez anos sobre a temática e, então, analisar as relações entre o trabalho pedagógico e a adaptação escolar na educação infantil, com base nos estudos de Arce e Martins (2022, 2022).

A partir dessa seleção dos dados, elaboramos um quadro em que estão apresentados os textos:

Quadro 1. Descrição dos artigos selecionados

ARTIGO	TÍTULO	AUTORES	ANO	TIPO DE PESQUISA
1	Adaptação de bebês em creche do sistema municipal de educação de Paraíso do Tocantins	SOUZA	2021	Pesquisa de campo
2	Fatores associados à não adaptação do bebê na creche: da gestação ao ingresso na instituição	MARTINS et al	2014	Estudo de caso
3	Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas	RAPOPORT; BOSSI; PICCININI	2018	Pesquisa de campo
4	O processo de adaptação no berçário: a influência dos professores e da família	SANTOS; BANDEIRA	2022	Pesquisa bibliográfica qualitativa
5	A adaptação de bebês na creche: uma análise sobre a perspectiva de professores	CHAVES, CASTRO FALCÃO	2019	Pesquisa de campo
6	O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos	RAPPORT; PICCININI	2014	Pesquisa bibliográfica qualitativa

4.1 Adaptação escolar segundo os artigos selecionados

Neste item, analisamos o conceito de adaptação escolar a partir da amostra selecionada de artigos, desenvolvidos nos últimos dez anos. O conceito em si de adaptação escolar é complexo, pode ser compreendido de várias maneiras, como uma transição da família-creche, ou seja, da mudança do contexto familiar para o ambiente escolar, conseqüentemente, mudança das relações pais-bebês. Enquanto em outra definição, a adaptação classifica-se como o resultado esperado na criança após o período de transição de um ambiente para outro.

Todos os artigos selecionados constroem-se na primeira definição, com a visão de que o processo adaptativo inicia-se antes do primeiro dia da criança na creche/berçário e envolve as primeiras semanas. Como traz o artigo 4 (2022)

O processo de adaptação se inicia antes mesmo de o bebê chegar na escola; começa com os pais, já na matrícula e na pesquisa de escolas. Ali eles dão início à adaptação e procuram o melhor lugar para realizar tal ato. A adaptação para a criança começa nos primeiros dias nesse novo lugar, quando ela conhece a escola, as pessoas, os colegas, os alimentos, os brinquedos e a nova rotina. É possível notar a complexidade da adaptação ao nos referirmos a tudo o que é novo para a criança, principalmente no berçário, onde o bebê é mais dependente dos cuidados dos adultos. (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p.165)

Por conseguinte, na perspectiva da transição família-creche, se explicita um sujeito essencial na adaptação para além da criança: os seus pais/responsáveis. Entretanto, no desenvolvimento das pesquisas, há uma diferenciação de olhar para essa questão, como no Artigo 2 (2014), Artigo 3 (2018) e Artigo 6 (2014), os autores pertencem à área de psicologia, assim, o foco permanece na teoria psicanalista de John Bowlby (1907-1990), chamada apego seguro e inseguro, com a ideia da aproximação de maneira instintiva das pessoas para criar vínculos que possam ser úteis tanto para as crianças quanto para os adultos, esses vínculos garantem a auto sobrevivência do bebê. O artigo 6 (2014) explica que

Para o autor, uma personalidade estável e auto-confiante se construiria a partir da certeza de contar com o apoio e a presença das figuras de apego e muitas patologias poderiam ser atribuídas à privação do cuidado materno ou descontinuidade na relação da criança com a figura materna durante os primeiros anos de vida. Esta relação com a mãe seria fundamental nos três primeiros anos de vida da criança, mas não devia ser exclusiva, sendo complementada pelos cuidados de outras figuras como pai, irmãos, parentes e outros. (RAPOPORT; PICCININI, 2014, p. 82)

Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) apresentam a adaptação escolar em uma olhar mais crítico, analisando aspectos biológicos e psicológicos da criança nesse processo.

A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida, ainda é um tema que tem gerado controvérsias no meio científico e leigo, pois implica em separações diárias do bebê de sua mãe, enquanto ele ainda é muito pequeno e precisa de relações estáveis e de um cuidador previsível (Rapoport; Bossi; Piccinini, 2018, p. 82)

No artigo 6, os autores (2014) consideram que,

[...] Embora muitas pesquisas tenham examinado as consequências para a criança de seu ingresso na creche, um número mais reduzido tem investigado o processo de adaptação da criança à creche, principalmente em relação à criança menor de dois anos (Fein, 1995; Fein, Gariboldi & Boni, 1993; Zajdeman & Minnes, 1991). O trabalho com crianças pequenas requer cuidados especiais e o planejamento do atendimento é diferente do realizado com as crianças maiores. Deste modo, estudos nesta área são fundamentais, principalmente dentro do novo contexto social em que muitas mães precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento do filho. (RAPPORT; PICCININI, 2014, p. 81)

Nessa visão, destacam-se as consequências da entrada do bebê em

creches/berçário, em especial, menores de dois anos, de forma a repensar o trabalho desenvolvido nessa etapa. Assim, pode-se exemplificar com a pesquisa do artigo 3, o desenvolvimento de um estudo de caso múltiplos com 3 bebês que ingressaram na creche aos 4-5 meses de idade, com a realização de entrevistas com as mães, observações dos bebês na creche e o preenchimento de um protocolo de ocorrências com as educadoras de cada bebê. Para analisar os casos, Rapport, Bossi e Piccinini (2014) dividiram em categorias, e uma delas, foi sobre *O período de ambientação: as duas primeiras semanas de frequência à creche* - em particular, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelo bebê para lidar com esta situação e as reações/comportamentos da mãe e das educadoras durante este período;

Como resultado, Rapoport, Bossi e Piccini (2014) destacam que os bebês utilizam de diferentes estratégias de enfrentamento para lidar com o estresse da separação da mãe na adaptação, o que mais marcou foi que em todos os casos houve afastamento da creche devido ao adoecimento dos bebês, os autores indicam que pode ter sido uma estratégia de enfrentamento corporal devido ao processo adaptativo.

Além da estratégia corporal, os bebês utilizaram, principalmente, estratégias auxiliadas (choro, balbucio) para obterem a atenção das educadoras e estratégias independentes focalizadas na emoção (autoconforto, distração) para tranquilizarem-se. Entretanto, desde o primeiro dia, o choro foi a principal estratégia utilizada para expressar seu desconforto ou para conseguir a atenção das educadoras, talvez por ser mais eficiente neste contexto, o que revela a dependência do bebê com relação a um adulto. (RAPOPORT; BOSSI; PICCININI, 2014, p.90)

Nos demais artigos, 1, 4 e 5, são autores da área da pedagogia, que tratam a adaptação com uma olhar pedagógico e em consonância com ideais da Psicologia Histórico-Cultural, que visualizam possibilidades de aprendizagem e que o “[...] espaço da educação infantil deve ser um local que exale proposições possibilitadoras de ensino e aprendizagem a partir de um encaminhamento metodológico que articule cuidado e educação.” (SAITO; OLIVEIRA, 2018, p,10). Esse espaço se inicia com os bebês e crianças pequenas, a partir da adaptação, assim, o artigo 5 cita:

A ida para a creche, para os bebês, significa a possibilidade de ampliação de contato com o mundo; para os professores, esse é o momento de selecionar, refletir e organizar a vida na escola e o exercício da docência. [...] Esse primeiro momento de inserção na creche é denominado adaptação. Sobre isso, Piaget (1978) supõe que o bebê realiza o processo adaptativo básico de tentar compreender o mundo que o cerca. Ele assimila as informações que lhe chegam, adicionando-as ao repertório de esquemas sensório-motores com que nasceu, como olhar, escutar, sugar, agarrar, e acomoda esses esquemas conforme suas experiências. Segundo Piaget (1978), este é o ponto de partida de todo o processo de desenvolvimento cognitivo. (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 41)

No artigo 4, Santos e Bandeira (2018) também descrevem os impactos desse período para as crianças, tanto emocionais, como também psicológicos, com a existência de novo ambiente, que vem acompanhada de outros aspectos como: pessoas diferentes do convívio dos bebês e crianças, a existência real do medo de ser abandonada nesse local, a alimentação diferente da que a criança está acostumada em casa e com horários diferentes, novos brinquedos e ter que dividi-los com os colegas, outras crianças dividindo a atenção dos professores, tudo isso é extremamente estressante e, para além dos mecanismos de choro, os bebês demonstram outros tipos de resistência a essa nova rotina, como adoecer.

Contudo, percebe-se que ao analisar o que essas pesquisas dizem a respeito da definição de adaptação escolar, há as diferenças de focos para definir esse processos, alguns com um enfoque maior nos aspectos e consequências do processo para a vida dos bebês e crianças, enquanto outros nas potencialidades do processo, com um olhar que a criança possui as capacidades para se adaptar, quando oferecidas as condições necessárias, de ambiente e de relação família-escola.

A chegada das crianças para a creche, segundo Carvalho et al. (2003), é sempre um fator de ansiedade para todos: crianças, pais e professores. Um cuidado especial com o período de adaptação é extremamente importante para garantir um atendimento de qualidade, capaz de propiciar condições adequadas para um desenvolvimento integral e sadio das crianças do ponto de vista social e emocional. (SOUZA, 2021, p. 12)

Entretanto, as suas correlações ocorrem ao abordarem sobre a importância da relação de confiança entre os adultos com os bebês e crianças e com

profissionais preparados para recebê-los na instituição, conseqüentemente, utilizando-se de ferramentas pedagógicas para possibilitar a adaptação escolar de forma mais saudável possível, assim, na próxima categoria, será analisado a respeito do trabalho dos docentes e de que forma utilizaram-se dos princípios pedagógicos para a facilitação da adaptação.

4.2 Os princípios do trabalho pedagógico na adaptação de crianças de 0 a 3 anos com base nas pesquisas dos últimos dez anos

Esta categoria refere-se ao que se enquadra como princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, desenvolvidos no processo de adaptação escolar de bebês e crianças bem pequenas, com o objetivo de contribuir com este. Tendo em vista, que “[...] a ação pedagógica na educação infantil deve estar imbuída de intencionalidade, preparação e percepção do universo infantil, a fim de que amplie as experiências infantis e traga diversas possibilidades de ensino e aprendizagem.” (SAITO; OLIVEIRA, 2018, p.11).

A busca e seleção dos artigos foi delimitada pelos últimos 10 anos (2012 a 2022), neste contexto, muitas coisas aconteceram no cenário educacional, especificamente, um item essencial a ser considerado: A proposta da BNCC, Base Nacional Comum Curricular, que foi entregue pelo Ministério da Educação ao Conselho Nacional de Educação em 2017 e deveria ser posta em prática até 2020. Assim, caracteriza-se como um documento que estabelece direitos de aprendizagem para a etapa da Educação Infantil, o qual propõe competências e habilidades que essa etapa deve basear-se para desenvolver seu trabalho a fim de atingir esses objetivos.

Por meio do artigo 4 (2022), se explica o objetivo do documento.

A BNCC traz alterações em toda a educação básica; estipula seis direitos de aprendizagem, cinco campos de experiência, uma concepção de criança bem clara. Ela estabelece também a reorganização das faixas etárias com nomenclaturas específicas, diferenciando os graus de dificuldade pela idade. Na educação infantil eles foram separados em: bebê – Berçário, que vai de zero a um ano e seis meses; crianças bem pequenas – Maternal, que vai de um ano e 7 meses a três anos e 11 meses; crianças pequenas – Pré-escola, que vai de quatro anos a seis anos e dois meses. Essas nomenclaturas serão utilizadas nesse artigo para separação de idades e turmas. (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 164)

Portanto, será um item que consideramos na análise do desenvolvimento do trabalho pedagógico na educação infantil, com base nos artigos selecionados. Porquanto, o artigo 4 (2022), artigo 1 (2021) e o artigo 5 (2019), em específico, baseiam-se nos princípios do trabalho pedagógico da BNCC, ou seja, no decorrer do desenvolvimento de suas pesquisas, refletem sobre os seis direitos de aprendizagem para a educação infantil e utilizam os campos de experiências para propor suas estratégias pedagógicas em período de adaptação, "[...] esses campos têm intencionalidade pedagógica, buscam o desenvolvimento por experiência e deixam claros os objetivos e aprendizagens esperados para cada faixa etária" (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 171) .

Desta forma, no artigo 4 (2014) isto ocorre através dos campos de experiência dirigidos ao berçário: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaço, tempo, quantidades, relações e transformações, os autores buscam a BNCC com o propósito de demonstrar a importância dos berçários e as diversas possibilidades de trabalhar com bebês.

A creche é tão importante quanto a pré-escola mesmo não sendo obrigatória; o berçário proporciona desenvolvimento motor, cognitivo, social, emocional, afetivo, que são visíveis na fala quando os bebês começam a se expressar pelos sons e pelas primeiras palavras; pelo movimento ao levantar a cabeça, engatinhar; quando o bebê interage com os colegas e se reconhece como indivíduo, entre outras diversas fases vivenciadas nesse período em que o bebê aprende algo novo diariamente. Fica evidente que o estímulo externo proporcionado no berçário busca o desenvolvimento integral do bebê, por atividades sensoriais em que descobre o mundo pelos seus 5 sentidos, utilizando muito suas mãos, pés e boca, pois quer sentir o mundo ao seu redor. É dever dos professores e da família proporcionar o melhor ambiente para essas descobertas. (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 173)

Por meio disso, o artigo traz possibilidades metodológicas para a adaptação, sendo ele: a criação de um planejamento, um guia junto com os professores, considerando o ponto de vista de todos, suas ideias e pensamentos sobre a adaptação, esse planejamento seria utilizado como base na escola, abordaria todas as etapas da adaptação e refletiria sobre as situações que poderiam ocorrer como dificuldades, brincadeiras, métodos para acalmar as crianças, explicação sobre os sentimentos dos bebês, pais e professores.

Como esse guia abordaria todas as partes da adaptação com o intuito de facilitá-la, deveria ser apresentado aos pais quando eles realizam a matrícula; isso produziria uma sensação maior de segurança e confiança na creche e na pré-escola, deixando bem claros os próximos passos e como seria a adaptação. Além disso, facilitar-se-ia a convivência da instituição com os pais, já que estaria tudo especificado. Também se pode verificar se os pais desejam intervir no planejamento. Esse guia sobre a adaptação deixaria todos os pontos esclarecidos e ajudaria os pais a entender a importância da adaptação, que se tornaria uma experiência enriquecedora [...] (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 174).

Na visão de educação infantil e suas definições, o artigo 1 (2021) aborda os campos de experiências, mas utiliza-se da nomenclatura creche, com o objetivo de analisar o processo de adaptação de bebês em creche no município Paraíso de Tocantins, fundamenta-se por meio de documentos que pensam e planejam a educação infantil, como a BNCC, para propor formas de trabalho pedagógico na adaptação escolar. Porém, no desenvolvimento da pesquisa há uma forte associação do processo de adaptação mais como um período de acolhimento.

O processo de inserção de crianças pequenas no âmbito escolar, segundo Ortiz e Carvalho (2012), requer cuidado específico. Tal cuidado, no âmbito da creche, é entendido por cuidado com a adaptação, a tentativa de amenizar os impactos e as dificuldades inerentes ao enfrentamento de situações novas, tais como a entrada da criança, mudança de grupo, substituição de educadores, saída de crianças para outra instituição, etc. (SOUZA, 2021, p. 14)

Ao mesmo tempo, Souza (2021) discorre sobre o eixo interações e brincadeiras como princípios essenciais do trabalho pedagógico a serem realizadas no período adaptativo com bebês.

Outro assunto importante para a iniciação escolar é a questão das brincadeiras, Goldschmied e Jackson (2006) afirmam que a contribuição do brincar para o desenvolvimento das crianças é um tema que ilustra bem o efeito pêndulo, que caracterizam o brincar como uma atividade frívola e desprovida de valor quando comparada com o aprendizado de informações úteis, persistiram, embora de forma modificada no período do pós-guerra. Brincar era o que as crianças faziam quando não estavam sob o controle imediato de adultos, no melhor dos casos uma forma de se ocupar e sempre em conflito com “sentar-se quieto e se comportar” ou com tipos mais úteis de atividade. Ao brincar, o bebê cria vínculo com o mundo a sua volta, com aqueles que com ele se relacionam e com o universo cultural no qual está inserido (SOUZA, 2021, p. 15-16)

Todavia, apesar do artigo 5 (2019) também basear-se na BNCC como proposta para que os educadores possibilitem que durante todo o processo educativo (de adaptação e pós-adaptação) dentro do berçário, ocorram momentos de aprendizagem para os bebês, com ações pedagógicas que incentivem a socialização, pratiquem a autonomia e a comunicação, nessa pesquisa, os sujeitos entrevistados são professores de berçário.

Chaves, Castro e Falcão (2019) desenvolvem a pesquisa em uma instituição privada, no município de Feira de Santana, Bahia, por não haver nenhuma creche pública com turmas de berçário, aplicam uma entrevista semiestruturada, com a professora A e a Professora B, ambas formadas em Pedagogia e atuando na instituição há mais de 5 anos. Há uma divisão em sete categorias para atender ao objetivo da pesquisa sendo: *os que os professores pensam sobre adaptação; as estratégias pedagógicas voltadas para realizar esse processo; como as professoras organizam o período de adaptação; o tempo que geralmente dura a adaptação; os fatores que prejudicam o processo; as reações que os bebê costumam apresentar e os fatores que interferem positivamente na adaptação.*

No decorrer da pesquisa, há uma ênfase na relação entre o bebê e o educador, e o educador com a família.

O professor assume um importante papel nessa transição na vida do bebê, pois o ato de cuidar exige uma ligação afetiva entre o professor e a criança. Para dar conta das necessidades básicas da criança, o adulto precisa estar atento a ela, o que envolve uma gama de fatores: afetividade e sensibilidade, conhecer a criança na sua individualidade, dentre outros. (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 42)

As professoras entrevistadas demonstraram estratégias pedagógicas voltadas para a realização do processo adaptativo com atividades planejadas, sempre considerando a criação de vínculos com os bebês.

Sendo que a **Professora A** deixou evidente a *importância da exploração do ambiente*, enquanto a **Professora B** enfatizou a realização de *atividades para envolver o bebê*.

[...] não quer dizer, porque eles são pequenos, que nós não planejamos. A gente realiza atividades de acordo com cada criança e a sua adaptação, para que elas fiquem mais à vontade nesse espaço, até eles se adaptarem (**Professora A**).

Eu gosto muito de brincar com eles. Quando eu vejo que eles estão chorando muito, eu prefiro sair um pouco da sala. Mas se eu vejo que estão tranquilos, eu trabalho com instrumentos musicais, que chamam a atenção deles. Ligo o som, trabalho com o movimento do corpo, pois isso chama muito a atenção deles. Gosto também de trabalhar com fantoches (**Professora B**). (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 42, grifos dos autores)

No transcorrer da entrevista, tendo em vista compreender o processo de adaptação sob o olhar das docentes, foi possível destacar dois princípios: *a afetividade e a flexibilidade de horário* durante o processo, com a compreensão da necessidade que é um processo gradual, de integração e o estabelecimento de vínculos entre os bebês e as professoras.

Quando eles chegam aqui, os pais ou a babá ficam nos primeiros dias nos espaços, esperando que a criança vá se adaptando, até eles conseguirem. Quando isso acontece, eu vou pedindo aos pais para irem se afastando. Não é fácil, para determinadas crianças é um pouco difícil essa ruptura entre a família e a escola. No máximo uma semana ou até menos que isso a gente já consegue. Isso é muito relativo, a gente não pode determinar um prazo que essa criança vai se adaptar. Existem crianças que chegam e que quando o pai vai embora já dão “tchau”, outras não, é muito difícil essa separação. Depende muito da criança, do convívio familiar (**Professora A**)

Inicialmente a gente faz o horário diferenciado, cada dia vai aumentando um pouquinho a permanência deles aqui. E aí nesse momento eu gosto de me aproximar da família, perguntar os gostos das crianças, as preferências. Minha preocupação não é só as crianças, mas os pais também. Eu sempre tento conversar, perguntar se estão gostando, ter aquele cuidado com eles, pois eu sei que não é fácil para eles (**Professora B**). (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 43-44, grifos dos autores)

No artigo 5 (2019), as professoras não destacam nenhum percurso metodológico, mas uma adequação às necessidades dos bebês, com a necessidade de construção de relação, para além deste processo.

As professoras participantes da pesquisa consideram que é preciso um olhar cuidadoso e atento para esse momento tão particular, pois esse tipo de ação é necessário para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência. Elas entendem que a adaptação é um período de aprendizagem em que família, escola e

criança aprendem sobre convivência, respeito, segurança, ritmos e exploração de novos ambientes [...] Nessa faixa etária, o planejamento deve ser flexível e deve valorizar propostas de exploração dos ambientes, o manejo de diferentes materiais e atividades lúdicas. (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 47)

Com base nisto, os artigos 1 (2021), 4 (2022) e 5 (2019), sob a proposta da BNCC, apesar das várias críticas no campo educacional, os autores dos artigos abordam essa adaptação escolar como um processo a ser respeitado e adaptado às necessidades da criança, a fim de aliviar as ansiedades tanto da família quanto do bebê, por isto, a proposta de criação de vínculos como essencial.

Diante dos artigos analisados acima e das propostas pedagógicas que baseiam-se na BNCC como solução, sem considerar o sujeito aluno, faz-se necessário sob o olhar do referencial teórico da Psicologia Histórico Cultural, recordar alguns aspectos do percurso da educação infantil para a sustentação de uma visão crítica.

Deste modo, Pasqualini e Lazaretti (2021) apresentam a luta para a estruturação formal da educação infantil com o seu início a partir da entrada da mulher no mundo do trabalho, até o cenário educacional atual: em que há a ideia da criança-cidadã, um sujeito de direitos.

A trajetória histórica aqui exposta deixa claro que as finalidades que orientaram a consolidação da educação infantil como prática institucional foram mormente extrínsecas, liberando a força de trabalho, evitando a desordem social, compensando os efeitos mortificadores da miserabilidade, preparando para a entrada na escola, prevenindo o futuro fracasso escolar. O movimento que culmina no reconhecimento formal da educação infantil como direito da criança e reafirma o caráter centralmente educativo do trabalho realizado nessas instituições, coloca no horizonte o desafio de superação desse legado entranhado de contradições e mazelas.

As autoras trazem para o contexto da educação com as crianças pequenas e seu caráter assistencialista.

Os debates em torno de uma proposta para a educação que resguardasse a especificidade do trabalho pedagógico dirigido a crianças menores de seis anos foram marcados por algumas tônicas: a rejeição de uma identidade assistencialista, circunscrita à tarefa da guarda e tutela das crianças pequenas, que marcou especialmente a história das creches; a reafirmação do caráter profissional do trabalho realizado (demarcando a fronteira entre o profissional e o doméstico no atendimento institucional à criança pequena); e a negação do caráter compensatório e preparatório do atendimento pré-escolar. A recusa a essa herança marcada por

práticas antecipatórias, mecânicas, descontextualizadas e esvaziadas de sentido para a criança pequena, veio a se expressar na defesa de uma identidade para a educação infantil assentada na defesa do binômio cuidar-educar e no afastamento da escola e do modelo escolar. (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 122)

Por meio disso, Pasqualini e Lazaretti (2021) discorrem sobre o movimento educativo da Pedagogia da Infância.

[...] o ideário da Pedagogia da Infância vincula a concepção de criança como sujeito de direitos (criança-cidadã) à noção de uma criança protagonista de seu próprio percurso formativo, sugerindo que a interferência do mundo adulto deve ser minimizada por seu caráter fundamentalmente cerceador da espontaneidade e liberdade infantis. Por esse caminho, chega-se à negação da própria ideia de um currículo escolar voltado à criança pequena, o que se expressa na proposição dos campos de experiências como arranjo curricular pela BNCC. (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 122)

Para então, tratarmos a respeito das propostas da BNCC, pois a visão pela qual o documento apoia-se contribui “para fixar alguns dualismos que pouco colaboram para, de fato, direcionar e organizar a prática pedagógica: diretividade do professor ou atividade do aluno; currículo escolar ou interesses infantis; conteúdos de ensino ou experiências infantis.”(PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 123). Porquanto, há uma busca pela garantia de identidade dessa pedagogia e um respeito à condição infantil, mas acaba por descaracterizar e negar a escola como um espaço privilegiado para a educação das crianças pequenas.

Ou seja, Pasqualini e Lazaretti (2021) concluem

A posição que sustentamos é que, paradoxalmente, ao se atribuir à criança o lugar de protagonista do processo educativo, impõem-se barreiras a seu desenvolvimento, por mantê-la circunscrita a suas experiências individuais, espontâneas, cotidianas. Retira-se da escola a tarefa decisiva de enriquecer e desafiar a atividade infantil, guiando os pequenos na aventura de conhecer, compreender e aprender a atuar no mundo. (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 124)

Através disso, é possível notar por meio dos artigos analisados 1 (2021), 4 (2022) e 5 (2019), essa tendência de atribuir um papel de protagonista à criança, sem considerar qual o papel do professor na sala de aula, e também, no processo de adaptação. Incluindo o fato que a BNCC não menciona sobre o processo de

adaptação de bebês na fase da creche. No documento, traz somente a transição da educação infantil para o ensino fundamental, quando afirma que

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e **adaptação** tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2018, p. 55, grifos meus)

Portanto, não há estratégia pedagógica e nem discussão a respeito do tema encontrada no documento, apenas sobre os campos de experiência para a creche, que é sobre isso que os artigos se apoiam para apresentarem aspectos sobre o trabalho pedagógico em creche, especificamente em adaptação.

Em contrapartida, o artigo 2 (2014), artigo 3 (2018) e artigo 6 (2014), discutem sobre o contexto psicológico e emocional da adaptação escolar dos bebês e crianças bem pequenas, ressaltam como base a relação com os pais e a criação de vínculos, pois, sem eles se dificulta um processo saudável de adaptação, tanto para a família e bebe, quanto para instituição e educadores.

Durante a análise do artigo 3 (2018), há uma categoria que faz parte da pesquisa deste artigo chamada a percepção *das educadoras sobre a adaptação do bebê à creche* – incluindo ocorrências de adoecimento, reações do bebê e impressões sobre o período de adaptação, que analisam o processo adaptativo de bebês de 4 a 5 meses e consideram a influência das educadoras, mas em prol de uma crítica de muitos bebês para poucos docentes.

Em relação aos comportamentos das educadoras, cabe ressaltar ainda que em vários momentos durante a adaptação estas tentavam acalmar os bebês ao lhes apresentar brinquedos, os embalar no carrinho e lhes oferecer colo. Contudo, apesar de seus esforços, pôde-se observar, por vezes, a falta de disposição para dar uma atenção mais individualizada e a carência de educadoras disponíveis para cuidar dos bebês em alguns horários (principalmente na alimentação, o que pode também explicar o choro excessivo dos bebês), provavelmente aumentando o estresse vivenciado por eles. (RAPOPORT; BOSSI; PICCININI, 2014, p. 90)

Desta forma, não há propostas pedagógicas para a adaptação, mas há descrição de aspectos que facilitaram ou não esse período, como no artigo 6 (2014), em que Rapoport e Piccinini (2014, p. 88) destacam a necessidade de ferramentas para lidar com a demanda dos bebês:

O comportamento do cuidador é um dos aspectos da qualidade do atendimento mais relevantes para compreender a adaptação da criança à creche. A qualidade dos cuidados pode depender em parte da habilidade dos profissionais de serem responsivos levando em conta os padrões individuais de cada criança (Fein, 1995). Por exemplo, Hestenes, Kontos e Bryan (1993) verificaram que diferentes aspectos da qualidade da creche estiveram relacionados às expressões emocionais da criança, sendo que o melhor preditor do afeto da criança foi o comportamento da educadora (i.e. cuidados apropriados, envolvimento, engajamento e interação, encorajamento de linguagem receptiva e expressiva, horários apropriados e supervisão das atividades). Crianças com educadoras com maior nível de engajamento expressaram mais afeto positivo enquanto aquelas com educador as pouco engajadas expressaram mais afeto negativo.

Assim, como a qualidade da atenção desse cuidador em relação à criança, o artigo 2 (2014) desenvolve um estudo de casos no qual atribuem fatores que podem facilitar ou dificultar o processo de adaptação dos bebês, um deles seria o trabalho do educador na creche.

Por fim, a boa qualidade do atendimento na creche (interação cuidador-bebê, estabilidade dos cuidados, razão adulto-criança) tem sido relatada como um importante aspecto que pode facilitar ou dificultar a adaptação (Howes, 1990, Schipper et al., 2004). Entre diversas estratégias para facilitar a transição para a creche, tem-se destacado a importância das visitas à creche antes do ingresso da criança, para que ela se familiarize com o ambiente e com as educadoras (Aloa, 2008). (MARTINS et al, 2014, p. 242)

Destaca-se a visão da importância da relação família-escola, na qual adentram vários aspectos como no artigo 2 (2014), utilizam das seguintes categorias para analisar a qualidade da adaptação:

[...] 2) Sentimentos dos pais ligados à separação pais-bebê e à inclusão de outras pessoas no dia a dia da criança: refere-se aos sentimentos frente a episódios de separação do bebê, que não aqueles relacionados ao ingresso da criança na creche; 3) Crenças e práticas parentais relacionados a outros cuidados alternativos: refere-se à inclusão ou não de outras pessoas nos cuidados ao

bebê e a avaliação dos pais sobre esses cuidados; 4) Atitudes dos pais em relação à creche: refere-se às expectativas, crenças e sentimentos dos pais ligados à creche como possibilidade futura de cuidado; e, 5) Sentimentos dos pais relacionados ao ingresso do bebê na creche: refere-se aos sentimentos despertados depois que o bebê passou a frequentar a instituição. (MARTINS et al, 2014, p. 243)

Destarte, há uma grande atribuição dos pais no processo da adaptação escolar e a forma pela qual lidam com esse processo, conseqüentemente, isto influencia diretamente no emocional dos seus filhos. Sendo assim, é necessário ir além de atribuir um sujeito responsável por esse processo, mas refletir que se trata de um trabalho coletivo, da família com a instituição, da família com o bebê e o bebê com os profissionais da educação. Mas principalmente, compreender sobre a importância do professor no desenvolvimento da criança, Pasqualini e Lazaretti (2021) trazem sobre os impactos da relação criança-adulto

[...] desde os primeiros meses de vida, tem caráter de atividade compartilhada, atividade essa que, orientada pelo par mais experiente – o adulto – desafia o psiquismo infantil, assim provocando a complexificação dos processos psíquicos. Essa atividade compartilhada e instruída é decisiva para a formação da criança pequena pois, como ensina a psicologia histórico-cultural, para desenvolver qualidades humanas, integrando-se ao gênero humano, cada novo ser deve se apropriar da riqueza material e imaterial objetivada na cultura humana. Tal processo não se dá pela interação espontânea e direta da criança com a cultura no seio da sociedade, mas por uma relação criança-sociedade que é mediada pela prática educativa, que organiza, orienta, guia e delinea os conteúdos sociais da atividade da criança. [...] Em segundo, que o adulto não meramente acompanha, estimula e incentiva a atividade infantil, mas a organiza, determina seu conteúdo social e cultural de modo a reconstituir no âmbito da singularidade a atividade histórica do gênero humano. (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 124)

A partir disso, será analisado na categoria seguinte: a relação do trabalho pedagógico desenvolvido pelo docente em creches e o período de adaptação escolar.

4.3 Relações entre o trabalho pedagógico e a adaptação escolar na educação infantil

A etapa da educação infantil, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelecer a obrigatoriedade da educação básica a partir dos 4 anos, o

trabalho desenvolvido nessa etapa vem sendo abordado em diversas pesquisas no campo da educação. Portanto, as obras que selecionamos como referencial teórico nesta pesquisa se tratam de duas coletâneas escritas com diversos autores e as organizadoras Ligia Martins e Alessandra Arce (2022, 2022), que discorrem para além da importância do ensino com os pequeninos, mas colaboram com princípios com os quais podemos trabalhar pedagogicamente com crianças da faixa etária de zero até três anos, que é o nosso foco neste trabalho.

Com base nessas obras que iremos analisar o trabalho pedagógico com bebês em creche e como está sendo desenvolvido no período de adaptação escolar das crianças, de acordo com os artigos selecionados que oferecem uma percepção da forma que está sendo realizado no cenário dos últimos dez anos (2012-2022).

Primordialmente deve-se definir a visão de escola, a qual, segundo Arce e Martins,

[...] é um espaço privilegiado e ímpar para a promoção das apropriações, por todos os indivíduos, do patrimônio cultural historicamente produzido pelos homens, posto que, nos limites lamentavelmente impostos por uma sociedade de classes, não foi distribuído de maneira equitativa e justa entre seus produtores. (ARCE; MARTINS, 2022, p. 1333)

No processo todo de ensino aprendizagem na educação infantil e em todas as etapas, temos o agente promotor: o professor. De acordo com Arce e Martins (2022, p. 11) nele há a responsabilidade educativa, profissional e pedagógica, com um

[...] trabalho intencional, direcionado e planejado por parte do professor para produzir desenvolvimento nas salas de Educação Infantil, em especial, nas creches [...] As crianças pequeninas devem ter seus horizontes ampliados pelo professor, significando não somente os horizontes intelectuais mas também os emocionais e corporais. Para isso, o professor deve munir-se de conhecimentos teóricos e metodológicos que possibilitem a compreensão de como a ação intencional e o ensino são decisivos para um trabalho pedagógico de qualidade.

Porquanto, ao refletir sobre o trabalho com bebês remete-se a um pensamento de espontaneidade e cuidado, sendo o cuidado vital na creche ou berçário, porém, não se caracteriza como único elemento nas salas de aula. Eminentemente a isto, encontram-se as relações interpessoais e a afetividade como elementos norteadores, pois a partir deles que se inicia um trabalho com

bebês e crianças de até três anos, o seu início ocorre adjacientemente ao processo de adaptação escolar e é papel do professor planejar e pensar baseado nisso, como traz o artigo 5 (2019):

A inserção de bebês em creches, mais especificamente em turmas de berçário, tem se tornado um fenômeno mais frequente. Neste primeiro momento, as crianças passam por muitas mudanças de ordem física (mudança do espaço da casa para o da escola), social (estabelecimento de vínculos afetivos com pessoas que eram desconhecidas) e de desenvolvimento. A ida para a creche, para os bebês, significa a possibilidade de ampliação de contato com o mundo; para os professores, esse é o momento de selecionar, refletir e organizar a vida na escola e o exercício da docência. (CASTRO; CHAVES; FALCÃO, 2019, p. 41)

Entretanto, alguns artigos selecionados (2, 3 e 6) mencionam superficialmente o trabalho do professor na adaptação escolar, em uma visão mais diagnóstica de dificuldades enfrentadas pelas crianças no processo e especialmente dos pais. Como por exemplo:

De maneira geral, os resultados do presente estudo indicaram que os fatores mais relevantes para a compreensão da não adaptação à creche foram os ligados à dinâmica da interação pais-bebê: os sentimentos ligados à separação pais-bebê e a forma como os pais vivenciaram o ingresso na creche.[...] Existe, obviamente, um conjunto de fatores, desde os mais explícitos aos mais subjetivos, que interagem na adaptação. Ademais, no presente estudo, a análise longitudinal permitiu verificar que a transição para a creche é influenciada por elementos presentes desde os primórdios da interação pais-bebê, e antes mesmo desta, na própria gestação. (MARTINS et. al, 2014, p. 249)

No entanto, os autores não investigaram essas estratégias de enfrentamento no contexto de adaptação à creche, mas sim em diferentes situações cotidianas estressantes para os bebês, presentes no primeiro e segundo anos de vida, como momentos de fome, ser deixado sozinho, mudanças no ambiente físico, dentre outros. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo examinar o período de adaptação à creche de bebês de 4-5 meses de idade durante as dez primeiras semanas. Em particular buscou-se investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês durante este período. (RAPOPORT; BOSSI; PICCININI, 2018, P. 83)

Assim como o artigo 2 (2014) foi realizada uma pesquisa com quatro famílias cujos bebês entraram na creche entre 10 e 12 meses de idade e todos foram

retirados por não adaptação, segundo avaliação dos pais, uma das categorias utilizadas para a análise dos casos, foi: *Atitudes dos pais em relação à creche*: referindo-se às expectativas, crenças e sentimentos dos pais ligados à creche como possibilidade futura de cuidado, com o **Caso 2** de um casal, que tiveram a primeira filha, e que foi colocado com 10 meses na creche, ela ingressou na creche visando evitar sobrecarregar a mãe, que estava grávida, e para ter contato com outras crianças. Permaneceu por volta de uma semana e, segundo os pais, adaptou-se bem aos primeiros dias, manifestando tranquilidade e alegria. Porém, repentinamente, passou a chorar de forma intensa e por muito tempo, sem nenhuma explicação plausível, decidiram retirá-la por conta do choro. Nessa categoria, os autores abordam que:

Na gestação, os pais não tinham uma ideia clara a respeito do momento de inseri-la na creche. A mãe enfatizou que “creche é caro”, enquanto o pai mostrou-se favorável: “A gente pretende mais tarde colocar numa creche. Até para ter convívio com outras crianças”. Aos 3 meses, os pais mostraram-se menos favoráveis à creche. A mãe não pensava em colocar a filha naquele momento por julgar que perderia a oportunidade de vê-la desenvolver-se, enquanto o pai estava certo de que não gostaria de colocar a filha: “Olha eu nunca pensei em colocar ela na creche, penso em colocar ela no colégio já” (pai). Na entrevista de 8 meses, novamente houve uma mudança de atitude dos pais frente à creche. Como o ingresso da criança já estava previsto, a mãe enfatizou a possibilidade de Flávia conviver com outras crianças, ter mais atenção e uma rotina mais organizada: “Para ela ter convivência com outras crianças, porque no fim ela fica só comigo na loja, nem sempre eu posso dar atenção para ela. (MARTINS et al, 2014, 245)

Há semelhanças com o Caso 4, um casal de namorados que, logo após o rompimento, soube da gravidez e decidiu reatar. No primeiro ano do bebê o maior dilema da mãe referia-se a voltar a trabalhar ou ficar com o filho. Com 1 ano, foi para a creche, a qual a mãe considerava um ambiente organizado e favorável ao desenvolvimento da criança. Com essa experiência, a criança mostrou-se irritada e agressiva, o que levou os pais a tirá-lo da creche após 15 dias (MARTINS et al, 2014). Na categoria 4, abordam que:

Durante a gestação os pais já consideravam a creche uma opção de cuidado, pois, para o pai, ela ajudaria na socialização do filho.

Aos 3 meses, os pais relataram que não gostariam de colocá-lo na creche no primeiro ano de vida, já que consideravam o ambiente familiar mais adequado. Inclusive, essa orientação foi dada pelo pediatra. Denise chegou a visitar algumas creches, mas não gostou dos ambientes que viu, ficando com a impressão de que o filho não seria bem cuidado. Os pais pensavam que o melhor momento para Gustavo entrar na creche seria quando ele começasse a falar e caminhar, e, então, pudesse se defender. No oitavo mês, a mãe se referiu à creche com repúdio, como se as mães que lá deixavam os filhos não fossem boas mães. Assim, Denise desistiu de trabalhar e decidiram postergar o ingresso na creche: “Até ele fazer um aninho eu acho importante ela estar em casa com ele. É que também tem o fato de ele ser muito apegado com ela. Mas eu acho que tudo bem, é pequenininho ainda, está no colinho” (pai). Denise acreditava que Gustavo não reagiria bem ao ingresso na creche, pois, para ela, “na creche ele não vai ser bem cuidado”. (MARTINS et al, 2014, 246-247).

Em ambos, as mães preferiam ficar em casa com os filhos, até no Caso 4, a mãe destaca o ambiente de casa mais adequado enquanto questiona a segurança dos ambientes da escola com os cuidados de seu filho. A questão principal refere-se que o único aspecto que atribui à escola é a função de socialização.

Nessa visão, associa-se com o Artigo 3 (2018) que pesquisou sobre o processo adaptativo de bebês de 4-5 meses de idade, analisando as 10 primeiras semanas, realizou a pesquisa de campo e a dividiu em categorias de análise, sendo umas delas: *impressões e sentimentos da mãe sobre a entrada do filho na creche* - em particular, os sentimentos das mães por colocar o filho na creche e as mudanças percebidas no bebê após a entrada na creche. (RAPOPORT; BOSSI; PICCININI, 2018). Em um dos casos, um bebê filho único, ingressou na creche aos 4 meses, e a escolha da mãe se relaciona ao quesito de socializar e de conviver com outras crianças.

[...] sua mãe (29 anos) relatou que escolheu a creche como forma de cuidado “Para ele se adaptar mais, para conviver com crianças”, mas a escolha desta creche, em particular, foi porque o trabalho a oferecia. Sobre como estava se sentindo por colocar o filho na creche, respondeu: “Super mal, mas eu preciso, né?”. No entanto, ressaltou a sua confiança nas educadoras: “Tenho bastante confiança nas tias. É uma coisa boa para ele conviver com outras crianças”, o que demonstra o sentimento materno de ambiguidade neste momento. Na primeira entrevista de acompanhamento, duas semanas após a entrada de Walter na creche, sua mãe falou: “Ele mudou bastante. Antes em casa,

ele só queria colo [...]. Agora não. Ele está bem melhor”. Em relação ao sono: “Antes, eu colocava ele no berço e ele não queria ficar, chorava [...] mas agora não, ele fica bastante, ele gosta”. (RAPOPORT; BOSSI; PICCININI, 2018, p.86)

Martins (2021) reflete sobre isso, ao pensar de que forma podemos trabalhar com as crianças, apoiado pela Psicologia Histórico-Cultural, visto que trata-se de um ser social e evidencia que esse trabalho pedagógico

[...] visa afirmar a sua natureza histórico-social, e especialmente, a decisiva influência que o ensino sistematizado pelo professor exerce sobre ele. Conforme assinalado por Vygotsky e seguidores, o desenvolvimento dos seres humanos demanda inter-relações, por meio das quais, cada homem aprende a se apropriar das conquistas produzidas pelas gerações precedentes. Aos seres humanos não bastam os atributos que dispõem no ato de seu nascimento, como os demais animais. As características biológicas presentes nesse ato são meramente preparatórias para sua interação com o mundo social, da qual tudo o mais dependerá, quer no próprio plano biológico, quer no plano psicológico e social. (MARTINS, 2022, p. 1564)

Em razão de que o docente na educação infantil deve criar possibilidades de sociabilidade para os bebês e crianças e a socialização vai para além do processo da adaptação escolar, é algo cotidiano na creche e no berçário, porém, deve ser desenvolvida essencialmente durante o processo adaptativo, uma vez que são nesses primeiros momentos, dias e semanas que são estabelecidas relações e vínculos afetivos. Tendo em mente o planejamento com intencionalidade pedagógica de momentos coletivos como rodas, músicas e outras atividades que permitam que a criança interaja com ele e outros colegas de sala.

Podemos citar até outros aspectos do trabalho pedagógico possíveis de fazer para o momento de interação e criação de vínculo: o contar histórias, o que difere-se de bebês e crianças até 3 anos de crianças maiores de 6 anos. Mas, em um capítulo da obra do “O trabalho pedagógico com crianças de até três anos”, Jambersi (2022) aborda sobre a importância da leitura que, além de ser um momento coletivo em sala de aula, o contar histórias é um processo estético de ensino e aprendizagem do ser humano, cuja experiência nasce do encontro e das possibilidades de aprendizagens que se estabelecem com os objetos presentes na vivência de cada um, destaca que o contato sempre será dotado de significado,

com valores diferentes, que podem variar segundo a nossa vivência porque somos seres singulares humanizados no coletivo. Com a ressalva de que “[...] o importante é saber selecionar histórias de qualidade, adequadas à faixa etária, que alimentem a imaginação e contribuam para o crescimento cognitivo e intelectual das crianças.” (JAMBERSI, 2022, p. 27)

Os demais artigos, artigo 1 (2021), artigo 4 (2022) e artigo 5 (2019), como citado anteriormente, possuem um olhar mais pedagógico e relacionado ao papel do docente durante o processo de adaptação dos bebês, mencionam alguns princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, como brincadeiras, músicas e exploração do ambiente.

O artigo 5 (2019) traz o movimento e a exploração do ambiente, através de entrevistas com professoras de berçário, reforçam que os bebês necessitam de confiança e segurança no espaço em que estão, portanto, no processo de adaptação o docente requer usar-se do planejamento pedagógico, para conseguir atender as demandas das crianças.

A adaptação de bebês acontece com mais facilidade quando há práticas pedagógicas planejadas, que respeitam o ritmo e a necessidade de cada sujeito. Nessa faixa etária, o planejamento deve ser flexível e deve valorizar propostas de exploração dos ambientes, o manejo de diferentes materiais e atividades lúdicas. (CHAVES; CASTRO; FALCÃO, 2019, p. 47)

Os princípios de movimento e exploração são inerentes na primeira infância, no seu nascimento com os reflexos ao mamar, passar a fixar os olhos e o movimento ao engatinhar, aprender a andar, até os 3 anos, a criança estimula-se muito pelo aparato sensorial. Portanto, Arce e Silva (2022) tratam a respeito das contribuições da exploração na educação infantil, atuando como estímulos, que se classifica como um importante aspecto no trabalho com bebês. Assim, o docente precisa prepará-lo para que a criança tenha segurança no ambiente

A criança, o bebê, deve encontrar já na sua chegada à escola todo um ambiente planejado e pensado pelo professor para a sua educação. Esse planejamento para o berçário deve ser minucioso, detalhista e passar pela escolha dos móveis, das cores das paredes, da cor dos berços, dos brinquedos e objetos que serão apresentados às crianças etc. Como - por meio dos seus cinco sentidos- o bebê começará sua aventura de conhecer e

compreender o mundo que nos rodeia, o professor deverá planejar atividades que estimularão essa exploração por intermédio do aparato sensorial. (ARCE; SILVA, 2022. p. 2793)

Arce e Silva (2022), ao apresentarem sobre a organização do professor da educação infantil para a chegada da criança, relaciona-a com o processo da adaptação escolar, em que a disposição da sala de aula pode ser usada como ferramenta para o interesse da criança.

Faz imprescindível que o ambiente, os brinquedos e os objetos sejam disponibilizados de maneira alternada para que não se tornem rotineiros e enfadonhos para a criança. A proporção de objetos novos apresentados, associados a situações que propõem sempre problemas diferenciados desperta e trabalha a curiosidade e o interesse, pois a criança não se mantém concentrada por muito tempo. (ARCE; SILVA, 2022. p. 2793)

Durante o trabalho pedagógico em educação infantil, o movimento se mantém como um dos princípios mais comuns, ou também chamado de motricidade infantil. Cesana e Costa (2021) dissertam que a criança vem ao mundo despreparada para enfrentar os desafios impostos pela locomoção no campo gravitacional, já que estão habituadas ao ambiente líquido, sendo assim, após o nascimento, todos os sistemas biológicos esforçam-se para se adaptarem aos fatores ambientais. Dessa forma, a motricidade infantil, passa por um processo contínuo de desenvolvimento a fim de se adaptar ao meio, assim como os demais órgãos vitais e a compreensão dos fatores que interferem no processo tem implicações pedagógicas importantes, posto que tal conhecimento fundamenta a organização e a sistematização de atividades motoras na infância. Ou seja,

Crianças exercitam suas capacidades motoras antes mesmo de nascer. A obtenção da postura ereta é a indicação de que o bebê está a ponto de adquirir a locomoção bípede. [...] Essas e outras muitas mudanças nos **padrões fundamentais do movimento** ocorrem rapidamente na primeira infância e têm sido, por essa razão, extensamente estudadas. Tais mudanças serão usadas para exemplificar o papel da interação com o meio, seja através da mediação do cuidador e do professor ou da qualidade dos estímulos ambientais oferecidos, na aquisição de novos padrões de movimentos ou de comportamentos motores mais complexos. (COSTA; CESANA, 2021, p.112)

A partir desse princípio, o artigo 4 (2022) destaca um princípio do trabalho pedagógico que foi utilizado durante o período de adaptação escolar, as brincadeiras, remontam sua importância sob documentos e leis que regem a educação infantil brasileira, mas com o propósito de relacionar a brincadeira e o lúdico, e a importância de criação de vínculos entre professor e a criança, o bebê.

Devem ser utilizados diferentes métodos para que os bebês se desenvolvam brincando, de maneira lúdica e explorando seus cinco sentidos. É preciso utilizar também a psicomotricidade e ensinar a criança a se expressar, oferecendo cuidado, carinho e, ao mesmo tempo, conhecimento. (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 170)

Santos e Bandeira (2022) enfatizam sobre a etapa da educação infantil, que se inicia com um período de adaptação escolar, porém, que prossegue com objetivos educacionais, de formação humana.

A creche é tão importante quanto a pré-escola mesmo não sendo obrigatória; o berçário proporciona desenvolvimento motor, cognitivo, social, emocional, afetivo, que são visíveis na fala quando os bebês começam a se expressar pelos sons e pelas primeiras palavras; pelo movimento ao levantar a cabeça, engatinhar; quando o bebê interage com os colegas e se reconhece como indivíduo, entre outras diversas fases vivenciadas nesse período em que o bebê aprende algo novo diariamente. Fica evidente que o estímulo externo proporcionado no berçário busca o desenvolvimento integral do bebê, por atividades sensoriais em que descobre o mundo pelos seus 5 sentidos, utilizando muito suas mãos, pés e boca, pois quer sentir o mundo ao seu redor. É dever dos professores e da família proporcionar o melhor ambiente para essas descobertas. (SANTOS; BANDEIRA, 2022, p. 173)

Por fim, diante dos artigos analisados, que demonstram pesquisas sobre a adaptação escolar – processo inevitável à educação infantil -, apesar de apresentarem alguns princípios pedagógicos, não há aprofundamento científico ou uma reflexão do propósito por trás das atividades desenvolvidas na adaptação escolar. Consideramos que o trabalho pedagógico deve ser pensado e realizado pelo docente em todos os momentos, durante todo o cotidiano das creches e berçários, em razão, com as palavras de Raupp e Arce (2022, p.1270)

As creches não são outra coisa, senão escolas. Como tal, demandam uma organização político-pedagógica calcada em

preceitos científicos sólidos, nas bases dos quais se evidencia imensa responsabilidade presente no trabalho dispensado à criança pequena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar quais aspectos do trabalho pedagógico na educação infantil podem contribuir para o processo de adaptação escolar para crianças de 0 a 3 anos, e, para isso, buscamos definir o conceito de adaptação escolar na educação infantil a partir de pesquisas selecionadas dos últimos dez anos relacionadas à temática, identificar os princípios do trabalho pedagógico na educação infantil, em processo de adaptação escolar com base nos resultados de pesquisa dos últimos dez anos e, então, analisar as relações entre o trabalho pedagógico e a adaptação escolar na educação infantil.

Nossa análise acontece através das contribuições de Alessandra Arce e Lígia Martins (2021; 2022), que se manifestam como crítica ao trabalho docente espontâneo e desprovido de sentido, e em específico, com a educação infantil, a qual se sustenta por conhecimentos que investigam formas de trabalhar com crianças de 0 a 3 anos. Nosso interesse pelas relações entre a adaptação escolar e o trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas se deve à nossa visão de que o ensino intencional e sistematizado tem sido perdido de vista para essa etapa de ensino, inclusive, com crianças de 0 a 3 anos, uma faixa etária para a qual a obrigatoriedade não se aplica.

Como educadores, compreendemos que a escola constitui-se por um ambiente de ensino e aprendizagem, com a função de formação humana, visa formar um ser humano apto a atuar na sociedade, como cidadão ativo, ao oferecer o desenvolvimento integral dos indivíduos, intelectual, físico, emocional e psicológico. Por isso, buscamos analisar a creche, sendo uma etapa de ensino, em específico durante o seu processo de adaptação, um processo imprescindível e sensível, que se manifesta como literalmente o primeiro contato do indivíduo com essa escola, através do que se tem falado e se produzido na literatura acadêmica, durante os últimos dez anos.

Como resultado, observamos nos artigos que a educação de bebês e crianças bem pequenas têm ocupado lugar de destaque e despertado preocupação por essa etapa no ambiente escolar, tanto no cenário da psicologia, quanto da pedagogia. Visto que, aspectos como o bem estar emocional e físico da criança, as criações de vínculos, o interesse da criança, a exploração do ambiente, o

atendimento imediato às suas necessidades têm sido abordados durante a entrada na creche, em busca de destacar fatores que facilitam ou dificultam a adaptação escolar.

O modo pelo qual o percurso das pesquisas analisadas têm sido desenvolvidas demonstra diagnósticos e um caminho com atribuições de responsabilidade pelo sucesso ou fracasso desse processo adaptativo nas escolas, carecendo de um olhar docente, pedagógico e de que formas podemos trabalhar com esses bebês dentro de sala, em um momento novo, crucial, repleto de mudanças e doloroso para as crianças e famílias, em que possibilita que seja o menos desconfortável possível. De modo, que as pesquisas que utilizaram princípios pedagógicos na adaptação escolar, se pautaram em competências da BNCC para a etapa do berçário e creche, em detrimento de abordar de forma aprofundada e científica os seus objetivos com as atividades desenvolvidas.

Nesse cenário, a desvalorização da educação infantil ganha mais espaço, o trabalho pedagógico desenvolvido com bebês e crianças pequenas não se firma como essencial nas legislações e sequer na área da educação. Desta forma, a função social da escola e a importância do trabalho docente perde de vista qual o seu principal papel e objetivo na sociedade: possibilitar que todo indivíduo e sujeito tenham uma formação e desenvolvimento de qualidade, que se inicia com o processo de escolarização em creches.

Consideramos a escola deve desempenhar seu papel independente da obrigatoriedade de ensino, assim, como o docente deve refletir sobre seu papel em sala de aula, no trabalho com a educação infantil, de modo que

Esse tempo de aprendizagem deve ser primado pela descoberta, pela interação e pela flexibilidade, mesmo com a apresentação de uma sequência didática de ações entre professores-crianças e crianças-crianças. Nesse cenário, que deve ser marcado pela ludicidade, expressividade humana e interação, é preciso ter sabores, cores, sons, aromas e desafios mediados pelo professor consciente e comprometido com o ensino e a aprendizagem das crianças. Desse modo, essa ação docente está longe de uma postura didática que se resume a informar e moldar comportamentos infantis, mas especialmente no sentido de criar condições diversificadas e enriquecedoras do conhecimento, a fim de que a criança trilhe seu caminho com autonomia e desenvolva suas potencialidades com criatividade e criticidade. (SAITO; OLIVEIRA, 2018, p.12)

Compreendemos como necessário a continuidade de estudos científicos e

as pesquisas a respeito da adaptação escolar em creche, bem como o trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças, que tenham claro: a função da escola e o papel da educação infantil. Prezamos, como argumenta Pasqualini e Lazaretti (2021, p. 126) “Defendemos que a escola, como um lugar social historicamente conquistado, embora não isento de contradições, contém potencialidade de enriquecer a formação da criança.”

Finalizamos nossas considerações, com a reflexão a respeito da importância e responsabilidade atribuída aos docentes que atuam na educação infantil, e em especial com crianças de 0 a 3 anos, com o trecho final de um dos livros organizados por Arce e Martins (2022, p. 3158):

O adulto que trabalha com crianças pequenas, em instituições de educação infantil, deve estar ciente de que o seu trabalho pedagógico é o início do processo criador, por isso, constitui-se em um trabalho imprescindível do ser humano que a criança se tornará.

Na conclusão deste trabalho, salientamos a necessidade da mudança de olhar em relação ao espaço da creche, ao começar pelos docentes da área como a autora, para entendê-lo como um local de ensino aprendizagem reflexivo, crítico e que demandam uma organização política e pedagógica para o seu desenvolvimento, em que o trabalho pedagógico desenvolvido nessa etapa inicia-se na adaptação dos bebês e crianças, portanto, deve ser tratado como política escolar e que deve ser repensada em sua estrutura e sua importância para alcançarmos um ensino de qualidade na etapa da educação infantil, especificamente na creche.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. I. F. de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia a Distância) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

ARCE, A. **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022.

ARCE, A. MARTINS, L. M. (orgs.). **Ensinando aos Pequenos: de zero a três anos**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. E-book Kindle.

ARCE, A; BALDAN, M. A criança menor de três anos produz cultura? Criação e reprodução em debate na apropriação da cultura por crianças pequenas. *In: ARCE, A; MARTINS, L. M. (orgs.) . Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 187-204.

ARCE, A; SILVA, C. J. É possível ensinar no berçário? O ensino como eixo articulador do trabalho com bebês (6 meses a 1 ano de idade). *In: ARCE, A; MARTINS, L. M. (orgs.) . Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 2569-2928.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 35-46.

BOSSI, T. J; BRITES, S. A. N. D; PICCININI, C, A. Adaptação de Bebês à Creche: Aspectos que Facilitam ou não esse Período. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 27, n. 01, 2017.

CHAVES, J. da S; CASTRO. S. B.D. de. FALCÃO, R. F. A adaptação de bebês na creche: uma análise sobre a perspectiva de professores. **Regrasp**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 37-49, 2019.

COSTA, P. H. L. da; CESANA, J. Motricidade infantil dos Zero aos Três anos: fundamentos para uma orientação pedagógica. *In: ARCE, A. (org.) . O trabalho pedagógico com crianças de até três anos*. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 109-126.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017.
Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#!/books/9788597012934/>.
Acesso em: 24 dez. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JAMBERSI, B. P. A arte de contar histórias na sala de aula: do didatismo ao encantamento. *In*: ARCE, A. (org.). **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 13-35.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos Metodológicos na Construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v. 10, n. esp, p. 37-45, 2007.

LIRA, A. M; SAITO, H. T. I. Elementos norteadores da prática pedagógica na educação infantil: em busca de ações sistematizadas e emancipatórias. *In*: CHAVES, M. (org.). **Intervenções pedagógicas e educação infantil**. Maringá: Eduem. 2012. p. 107-117.

MARTINS, G. D. F et al. Fatores associados á não Adaptação do Bebê na Creche: da gestação ao ingresso na instituição. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 30, n. 3, p. 242-250, jul./set. 2014.

MARTINS, M. L. O ensino e o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos. *In*: ARCE, A; MARTINS, L. M. (orgs.). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 1472-1929.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, São Paulo, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012.

PASQUALINI, J. C.; LAZARETTI, M. L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/70895>>. Acesso em: 22 set. 2022.

RAPOPORT, A.; BOSSI, T. J.; PICCININI, C. A. Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas. **Psico, [S. I.]**, v. 49, n. 1, p. 81–93, 2018.

RAPOPORT, A. PICCININI, C. A. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.

ROSEMBERG, F. Organizações multilaterais, Estado e políticas de Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 25-63, 2002.

SAITO et al. A-do-le-ta: movimento e desenvolvimento de 0 a 3 anos de idade. **Acta Scientiarum Education**, v. 44, n. 1, p.1-12, 2022.

SAITO, H. T. I; OLIVEIRA, M. R. F. DE. Trabalho docente na educação infantil: olhares reflexivos para a ação intencional e planejada do ensino. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2018.

SANTOS, E. R. M. dos; BANDEIRA, J. de B. O processo de adaptação no berçário: a influência dos professores e da família. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 32, p. 158-178, 2022.

SILVA, C. J. O que o cotidiano das instituições de educação infantil nos revela? O espontaneísmo X o ensino. *In*: ARCE, A; MARTINS, L. M. (orgs.). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 253-745.

SOUZA, A. K. V. T. R. de; FERREIRA, M. C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109. p. 115-144, 2000.

SOUZA, P. L. R. de S. **Adaptação de bebês em creche do Sistema Municipal de Educação de Paraisópolis do Tocantins**. 2021. Artigo (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Tocantins, Palmas, 2021